

ZEZA VASCONCELOS

SUÍTE DOS VIVENTES



EDISE



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador
Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado do Governo
Benedito de Figueiredo



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente
Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro
Marcos Antonio Moura Sales

Diretor Industrial
Milton Alves



EDISE

Gerente Editorial
Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial
Antônio Amaral Cavalcante
Cristiano de Jesus Ferronato
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

ZEZA VASCONCELOS

SUÍTE DOS VIVENTES



EDISE

Aracaju

2018

Copyright©2018 by Zeza Vasconcelos

CAPA

Zeza Vasconcelos

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Guimarães Neto

REVISÃO

Yuri Gagarin Andrade Nascimento

PRÉ-IMPRESSÃO

Marcos Nascimento

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU)

A599s Anjos, José Vasconcelos dos
Suíte dos Videntes [recurso eletrônico] / José Vasconcelos dos
Anjos. – Aracaju : Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe -
Edise, 2018.
150 p.; 21 cm. E'book PDF.
Modo de acesso: world wide
web: <https://segrase.se.gov.br/>
ISBN 978-85-53178-21-6
1. Contos brasileiros. 2. Histórias inusitadas. 3. Amor. 4. Vida.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

Para Lara e João

Agradeço aos queridos amigos: Demóstenes Melo,
Eduardo Ribeiro, João Gama, Jorge Carvalho, José Augusto Melo,
Marcos Cardoso, Nestor Amazonas, Nilzo Lima e Otávio Sales,
que carinhosamente sempre leem os originais,
ajudando o autor nas correções de rumo.

PREFÁCIO

No dia em que terminei de ler os originais do livro *Suíte dos Videntes*, fui tomado por um “banzo” inexplicável. Era como se estivesse num limbo nostálgico, entre a saudade do cheiro da minha terra e as imagens que o livro conseguiu impor aos meus pensamentos. Não que se trate de uma literatura regional, ao contrário, os contos invocam Tolstói – retratando a própria aldeia nos tornamos universais.

Ler mais esta obra do Zeza José Vasconcelos dos Anjos, é como adentrar na nossa herança genética nordestina, mas longe dos estereótipos. Na obra primeira – *O Herbanário de Tia Finha e Outras Curtas Estórias*, a viagem era mais contida, mas sem perder a intensidade, aqui, na *Suíte dos Videntes* somos transportados, predominantemente, para um mundo de códigos, comportamentos e aventuras de um sertão seco e árido, apesar da proximidade com a água de rios.

O tom ocre impera entre um verbo – ação, um adjetivo, dando intensidade a tudo e um ponto final – que conclui, mas não encerra.

Conheci Zeza Vasconcelos ainda rapazote desengonçado, ativo e altivo, sinalizando a multiformação que viria na sua maturidade: médico, esportista, músico, poeta, gastrônomo e finalmente, escritor. Tudo que ele faz, o faz com exuberância e na literatura não seria diferente. *Tia Finha* foi seguido do romance *Sara* seu segundo livro e agora esta *Suíte* revela um intelectual já maduro, deixando transparecer aqui e ali sua formação erudita, apoiada nos grandes clássicos que, longe de parecer afetação, enriquece a narrativa ao mesmo tempo em que provoca referências e comparações ao leitor.

Suíte dos Videntes me toca com *À Margem do Meu Pai*, um conto dolorido e verossímil, que de tão triste me reveste de belo, como na *Terceira Margem do Rio*, do Grande Rosa. São personagens que conhecemos, sabemos de suas histórias, mas fingimos que não nos dizem respeito e viramos o rosto. Mas Zeza, com doçura e maestria, nos força a olhar para a realidade que de tão perto é vizinha, nos distancia.

Como destaca Antônio Eduardo da Silva Ribeiro ao apresentar *Sara*, Zeza nos convida a conviver momentos extraordinários na vida de pessoas comuns, fatos cotidianos revestidos de significados edificantes. A moral, a ética, a verdade, a transcendência e até o humor, enfileirados numa sequência cativante que nos dificulta interromper a leitura para cuidar da nossa falta de eleição de prioridades, comumente chamada de “falta de tempo”.

O tempo é outro elemento tratado por Zeza Vasconcelos com delicadeza e respeito. O tempo de quem volta, como na *Visita Inesperada*, *O Troco* e *I Love Lucy*. O tempo que modifica a realidade presente, mas sempre indicando a linha condutora, o tempo que aponta um futuro, mesmo sem saber o que isto significa. O tempo de acerto de contas, dramático e cruel, em *O Juramento* e na *Comadre Sebastiana*, o tempo da saudade futura, no *Meu Ursinho de Pelúcia*, uma joia de humor, mesmo que beirando o realismo fantástico na linha do Mestre Gabo.

O universo e personagens abrigados na *Suíte dos Videntes* nos coloca para dançar num mundo fluído e etéreo, onde as imagens não estão bem definidas, entre sombras e luzes, como na vida real ampliada por dramas e paixões.

No lusco-fusco dos pecados e virtudes, o bem e o mal se entrelaçam criando uma rede confusa, cheia de muitos “desentendimentos”, onde pouco importa o final, o destaque é o processo... o que levou isto a resultar naquilo. Não procurem um lado para ficar ao ler o *Suíte dos Videntes*, não há heróis ou bandidos, há apenas a vida, seguindo seu fluxo, de som e fúria...

Bom proveito na leitura, recomendo que seja feito de forma lenta, repetida, depurada, como se faz ao saborear um bom vinho, aliás outra paixão do escritor, que faz da vida, uma grande festa e nós somos seus convidados.

Nestor Amazonas
São Paulo, Março de 2018.

SUMÁRIO

1 À Margem do meu Pai	13
2 O Juramento	17
3 O Número 40	21
4 Meu Ursinho de Pelúcia	25
5 Dorothy	29
6 A Carta XIII	33
7 I Love Lucy	39
8 Atire a Primeira Pedra	43
9 Pé de Coelho	47
10 O Corredor	51
11 O Gordo	53
12 Os Compadres	57
13 O Punhal	61
14 Tonho Matador	65
15 Carta para Dona Adivanete	67
16 Orminda	71

17 A Continuidade do Circo	75
18 Visita Inesperada	83
19 O Troco	85
20 Cachorro de Madame	87
21 Bem Comportadinho	89
22 Fora da Zona de Conforto	91
23 Incidente na Praça da Matriz	95
24 Quero Voltar para Casa	97
25 Comadre Sebastiana	99
26 O Parceiro	103
27 O Padrinho	105
28 Assoprando o Alpiste	109
29 O Retorno de Lázaro	113
30 Nhô Vô	117
31 Suíte para o Salmo 119	125
Eu, Escritor Vivente	135

1

À MARGEM DO MEU PAI

As águas foram avançando devagar, dia após dia, noite após noite, maré atrás da outra maré, engolindo tudo, passando por cima das nossas vidas lentamente. Até o farol que era atrás do nosso quintal mergulhou triste, empenado, nas ondas do mar. Estava ali desde o tempo do império.

O pai não quis se mudar para nenhuma outra margem. E fomos ficando ali até finalmente só haver nós. Todo mundo tinha ido embora. Com as águas e as gentes foram embora o posto de saúde, o educandário, a igreja e a bodega. Nos mudamos para cima de um combro. O pai que escolheu o local como melhor. Construiu uma tapera de palha, um quadrado com quatro quadrados dentro. Plantou mudas de coqueiro em derredor, esperançoso em parecer com a antiga palhoça. Dali olhou para o horizonte e disse que se as águas chegassem ali era o fim do mundo na terra, o dilúvio final.

A mãe parecia sonhar leviandades, outras terras, outros momentos. Passava os últimos tempos calada, só ruminando as coisas dentro da cabeça dela. A vida inteira foi reclamona, mas nos últimos tempos vivia cabisbaixa.

Foi quando um dia jogou o pano de prato no chão e disse bem alto, para todos nós ouvirmos: “Vou embora, não guento mais essa vida, estou me perdendo aqui neste lugar, com esse resto de homem. Jogando minha juventude e minha alegria fora. Vim me enterrar neste fim de mundo com um tarafeiro, pescador de engasga gato. Não guento mais comer só peixe, de manhã, de tarde e de noite. E essa areia fina desgraçada que entra pelos meus olhos adentro, pelas ventas, em to-

dos os buracos e reentrâncias do meu corpo. Não guento mais essa pobreza, o ganido desse vento que nunca para, o barulho das águas se quebrando por cima de mim, esse mar invadindo tudo, como se fosse pra me afogar. E você, homem acomodado, sem energia, um frouxo”. E finalizou o discurso, “vou só, depois venho buscar as meninas”, apontando para mim: “ele fica com você, pois é igual”.

O pai ficou quieto, só escutando. Picou um pedaço de fumo de rolo na palma da sua grossa mão, enrolou numa palha seca de milho, bem fininha, acendeu e deu uma tragada bem profunda, bem grande, bem para dentro, expelindo depois aquela fumaceira pelos cantos da boca e pelas narinas, como um dragão afogueado.

Ela se foi de madrugada, já tinha acerto feito com alguém que veio buscar lá embaixo na maré. Meu pai nos reuniu para dizer o que já se sabia, “a mãe foi embora e não volta mais” e apontou para as meninas: “vocês depois ela vem pegar”.

Num instante foi choro para todo lado contaminando tudo. O pai não tinha mais nada a dizer, nem jeito de acarinhar. Empurrou o chapéu na cabeça e saiu porta afora, foi tomar um ar.

Algum tempo depois apareceu num dia um homem fardado de polícia, um sujeito forte e grande no comprimento e na largura, com um revólver pendurado nos quartos, “Vim buscar as meninas, que a mãe mandou”. Elas disseram chorando que não iam. O pai explicou que elas tinham que ir, pois era coisa da lei e da polícia, tinham que ir pro lado da mãe.

Passou-se ano. Agora fincados ali só o farol, meu pai e eu. Tudo fazíamos juntos. O pai já não enxergava direito as coisas pequenas, os nós, os trançados da tarrafa, ficara dificultoso, tudo se escurecendo lentamente. Esticava os braços, depois trazia a teia para perto de si, procurando o melhor foco, que não achava.

Um dia, já noitinha, ele me avisou: “Vá dormir que

amanhã nós vamos acordar bem cedo, antes do sol. Vamos subir o rio. Você vai comigo, de companhia.”

O sol ainda não tinha saído e a gente já de pé. Engolimos uma xícara de café ralinho e um bolachão dormido cada um e saímos da tapera. Ele trespassou a faca inseparável entre o cinto e o cós, puxou a velha calça de brim para cima da barriga, se ajeitou na camisa branca de algodão e fomos pegar a canoa lá embaixo. Levantamos pano e o velho aproou para nascente, subindo o grande rio.

Depois de muitas horas, já mais da metade do dia e muitos bordos, chegamos num pequeno atracadouro. Eu nunca tinha subido até ali. Apoitamos a canoa. Ele fez sinal com a mão para que eu seguisse seu caminho. Andamos por um caminho de rato, por baixo do coqueiral até que chegamos num arruado. O pai parou numa bodega, deu bom dia para o homem no balcão, ficou claro que já se conheciam. Pediu uma pinga dobrada para ele e uma soda para mim. Calado fiqueii.

Fomos para uma mesa no canto. Sentou num tamborete, apontou o outro pra mim. Ele de frente para a rua e eu de frente para ele. E ficou assim, calado, com os olhos grudados no que se passava lá fora.

Depois de muitas sodas, muitas doses, uns nacos de jabá crua, uns pedaços de aipim cozido, um langancho pelancoso frito com farinha e o dia inteiro passado, já noite bem entrada adentro, ele me puxou com sua mão, quase me machucando e disse “olhe”.

Do outro lado, saiu de dentro de uma casa um molho de gente falando alto e entornando uns copos. Num tamborete sentou-se o mesmo sujeito fardado e no colo dele, ela aconchegada, vestida num shortinho bem curto, metade dos peitos moles aparecendo pelo decote da blusa. Estava com a cara toda pintada e enfeitada com colar, brincos e pulseiras de contas coloridas, como canoa em dia de procissão dos navegantes.

O sujeito lhe chupava a boca, as orelhas e o entrepeito. Ela gritando desavergonhada “deixe disso homem safado, dá gastura”, apertando a cabeça do satanás contra seu corpo.

Comecei a chorar de raiva. O pai não soltou meu braço e disse: “Não se apoquente. Trouxe para você ver com seus próprios olhos. Você já é homem, tinha que ver. A miserável voltou pro lugar de onde tirei”. Engoli o choro, pois o que vi foi miséria. Uma miséria mais miserável do que a nossa.

O pai me encarou: “Filho, não sou arreguento. Mas é que não vale a pena qualquer atitude bruta. Só tenho pena das meninas. Conheci sua mãe ali, há quinze anos atrás, ela novinha, de menor, foi paixão mordedeira, de amor à primeira vista. Veio comigo como estava vestida, mal deu tempo de fazer uma trouxa. Não ia precisar mais vender seu corpo. Agora eu ia ser seu dono e freguês. No início era tudo felicidade. Uma toalhinha aqui, um jarrinho colorido ali, comidinha cheirosa, panelinhas brilhando. E foi assim que tudo começou. Depois vieram vocês, depois o mar avançou e depois ela desgostou”.

O pai levantou-se de onde estava, chamou o bodegueiro, pagou a conta, passou o braço no meu ombro e disse “vamos embora, que já está bom, já se viu o suficiente”.

Entrou na canoa, o rosto escondido embaixo da aba do chapéu. “Vamos, que amanhã é dia de muito trabalho, a maré está boa”.

Olhei direitinho para ele, lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Ele sentiu meu olhar e desabafou: “Não arrepere não, é só saudade das meninas. Um dia você vem buscar”.

Aproamos para a foz do rio, a favor da correnteza, a canoa balançando devagarzinho no ritmo das águas e da brisa que soprava leve de dentro das terras. Lá no horizonte, à nossa frente, o dia amanhecia.

2

O JURAMENTO

Apeou do cavalo e entrou batendo as botas empoeiradas no alpendre. Tudo ainda lhe era familiar depois de tanto tempo. A sala estava apinhada de gente. Passou a vista rápida na mobília escura e antiga, na cristaleira encostada no canto, na mesa grande de jantar, com cadeiras de espaldar alto. À sua frente o velho Sagrado Coração pendurado numa parede, mais adiante outro quadro com a Santa Ceia. Espalhados pela sala estavam parentes e conhecidos. O irmão mais novo, uns sobrinhos, umas tias velhas chorosas e, sentados no sofá, os dois desgraçados de mãos dadas e cabeças reverenciosamente baixas. Agarrada na mulher uma criança mirrada aparentando uns cinco anos de idade.

Passou para o corredor e estacou na porta do quarto. Passou o olho em volta nas telhas velhas aparentes, no chão de tijolo esquadrinhado, nas paredes caiadas de azul do céu, numa fotografia pintada com os velhos no dia do casamento; no baú aos pés da cama, onde se guardavam as roupas de festa; na penteadeira ornada com pente, escova e frascos de perfume barato; e prostrada em cima da cama de casal, a mãe. Tirou o chapéu e aproximou-se lenta e respeitosamente. Os que estavam junto da velha se afastaram silenciosamente.

Quando se aproximou, buscou suas mãos esquálidas e as apertou com medido fervor. Ela espremeu os olhos, sem esconder a surpresa de tantos anos apartada do filho, que do paradeiro ninguém sabia, só ela. Perguntou com a voz fina e trêmula “Recebeu meu recado?”, ele balançou afirmativamente a cabeça e ela continuou: “É preciso perdoar meu filho. Ela preferiu

ser dele”. Mentindo, balançou novamente a cabeça dizendo que sim.

A velha não se fez de rogada, levantou o braço chamando alguém presente no quarto e pediu que fosse lá fora e desse conta do irmão. Não demorou muito e o outro adentrou com os olhos cheios de lágrimas no recinto.

Ordenou: “Se abracem na minha frente, pra eu ver. Jurem que não farão mal um ao outro, nunca. Ouviram? Nunca. É o último desejo de uma mãe que está indo se encontrar com o Senhor. Não posso ir sem pagar essa dívida que me envergonha”.

Os dois hesitaram, mas logo depois se abraçaram por longo tempo, bateram mãos nas costas e ficaram ali em silêncio olhando para a matriarca.

Ela, como que aliviada do jugo divino, respirou fundo, fechou os olhos ao som das ladainhas das velhas carpideiras e não acordou mais.

Depois do corpo da mãe enterrado, disse aos parentes que iria partir no outro dia cedinho, ninguém precisava se preocupar.

Ainda madrugada montou, cavalo descansado, encilhado, passada lenta. Foi seguindo por caminho conhecido. Ao passar pelas terras do irmão se acoitou numa moita, ficou vigiando. Viu quando se despediu da mulher, palito nos dentes, barriga cheia, e quando saiu cavalgando para o outro lado, para correr os pastos. Se aproximou pelos fundos da casa, devagarzinho, só se ouvia os assobios dos micos e o gorjeio dos passarinhos. Ela estava de costas lavando roupa e cantando uma cantiga de ninar.

Saltou de surpresa, deu-lhe uma gravata com um braço e com o outro passou a faca de lâmina fina rasgando o pescoço da cunhada. Puxou num segundo movimento um corte de lado a outro da barriga. Soltou o corpo, que lhe caiu aos pés. Ouviu um grasnado “Covarde!”, as vísceras saltaram fora. Estava

prenhe. O sangue jorrou pelo terreiro.

Limpou a faca na perna da calça devolvendo para a bainha.

Ao montar, viu a criança que saiu da casa e correu para se abraçar ao corpo inerte ensanguentado da mãe, chorando, sem lhe tirar das vistas os olhos medrosos arregalados. O menino era sua cópia.

Montou, deu as costas e foi embora. Não quebrou o juramento.

3

O NÚMERO 40

Sentou-se numa mesa instalada na calçada do bar em frente e ficou ali ruminando os seus pensamentos. Eram dez horas da manhã. Não tinha jeito de aceitar que aquela mulher não lhe quisesse mais. Com isso perdera todas as regalias que sempre tivera, tendo se tornado motivo de chacota dos colegas. Ela lhe dissera há um mês, que enchera de ser eternamente fiel, enquanto ele dormia com todas as garotas da rua, que não suportava mais as brigas, nem as surras que levava. Ele não lhe servia mais como companhia.

Audácia daquela puta. Sentia ciúmes dela, como se fosse sua propriedade. Era difícil para ele a situação atual. Não era mais uma pessoa querida no número 40 da rua dos Marítimos. Burra ela, que perdera também a proteção. A partir de agora, lavaria as mãos e quem sabe daria até um empurrãozinho no rigor. Eram onze horas da manhã. Pediu duas doses de conhaque barato que passou pela goela rasgando tudo de uma só vez.

Um rapaz bem afeiçoado, de cabelos bem cortados, barba bem feita, vestindo um terno branco de linho, cheirando a perfume estrangeiro, com um ramalhete de flores numa mão e um pedaço de papel na outra, aproximou-se da mesa em que estava e perguntou-lhe: – Bom dia! O senhor poderia me informar, por favor, onde é o número 40?

Estava na cara que o mancebo era de fora, porque apesar de não ter placas ou números, não tinha na cidade quem não conhecesse o famoso número 40 da rua dos Marítimos.

Olhou-o de alto a baixo, mastigando um palito de fósforo, e apontou com o indicador para o outro lado da rua, sem dizer uma palavra. O outro agradeceu e atravessou a rua, indo bater na pesada porta de madeira. Alguém a abriu, fazendo-o entrar imediatamente.

Bem que devia ter desconfiado. Tantas viagens que a cadela fizera nos últimos dias. Tinha se arrumado com gente de fino trato. Já dera meio-dia e o calor estava intenso. Pediu a garrafa do conhaque e tomou um copo de um gole só, deu uma cusparada no chão e bateu de mansinho no 38 que tinha enfiado na cintura. No silêncio que faz esse tipo de rua durante o dia, escutava-se de lá de dentro os gritos, as palmas, os risos e a lambada tocando gostosa na agulha. Tomou mais um copo seguido de outra cusparada. Lá de dentro agora vinham os sons de um bolero apaixonado. Já tinham se passado umas duas horas. Engoliu mais dois copos, dessa vez regurgitando parte do engolido. Agora reinava uma música portenha de Carlos Gardel. Tomou o resto da garrafa.

Os dois saíram abraçados. Ela beijava-lhe repetidas vezes a face. O casal irradiava felicidade.

Atravessou a rua cambaleante. Sacou a arma sem dar tempo a qualquer movimento de defesa por parte dos dois. Apenas o olhar atônito de ambos. Os estampidos reverberaram na rua. Caíram os dois abraçados e contorcendo-se no chão, que logo ficou encharcado de sangue.

No outro dia estava estampado em letras garrafais nos principais jornais da cidade:

“CRIME NA PORTA DE PROSTÍBULO!

Ontem à tarde, por volta das quinze horas, o policial civil de cognome Palito, assassinou com tiros de revólver calibre 38, a senhora Suzana de Tal e o seu filho Nestor de Tal na

porta do número 40 da rua dos Marítimos, conhecido cabaré local. O policial estava, segundo testemunhas, embriagado e enciumado, por ter sido chutado pela Suzana há um mês, confundindo o seu filho com outro amante. O Dr. Nestor era um jovem médico, criado como filho adotivo em outro estado, tendo sido localizado pela mãe há um mês e ido ontem ao reencontro fatal.”

O restante do artigo tecia detalhes sobre as condições do crime, o depoimento das testemunhas e a busca que estava sendo feita ao policial foragido.

4

MEU URSINHO DE PELÚCIA

Estava no velatório sentada do lado do caixãozinho. Um lenço na mão, que constantemente levava aos olhos para enxugar as lágrimas e assoar o nariz. Dava dó só de ver. Era uma cena para se compadecer. Tamanho sofrimento de uma viuvez repentina. O pobrezinho tinha infartado em plena ação. Trabalhando. Morrerá trabalhando. Não, não fora cocaína. Ele não usava essas coisas. Trabalhava limpo. Falaram em viagra. Repara só. Nunca, mas nunquinha mesmo.

Para ela, ele era insubstituível. Como fodia gostoso o seu pequeno. Como era fofa a sua maneira de se apoiar nas suas coxas e em pé, frente a sua enorme vulva, meter-lhe aquele caralho enorme, com vigor. Penetrando em suas entranhas. Adorava colocá-lo sentado na penteadeira e chupar o seu caralho. Adorava carregá-lo pela casa nos braços, como um ursinho de pelúcia.

Lembrou de como tinham se conhecido. Numa boate pornô em Paris. Ela recém-chegada do Brasil, sem entender patavina de francês, ele já traquejado no metiê, artista famoso no circuito das casas noturnas. Abrindo shows, apresentando cena apoteótica no palco, quando entrava puxando um carrinho cheio de donzelas, ornadas com guirlandas de flores silvestres, com uma corda amarrada ao seu cacete. Ele peladinho com uma coroa de flores na cabeça, representando um pequeno cupido, com seu traque esticado pela tração da corda e o peso do carrinho. A plateia vinha abaixo. Seu pequeno herói contraia os bíceps e saltitava com gestos selvagens, urrando, igual ao rei das selvas. Um Pam pós-moderno.

Lembrou dos tempos de aperto, quando tiveram que trabalhar em dupla nos hotéis, para satisfazer a empresários solitários, querendo viver uma aventura diferente na cidade estranha. Comiam os babacas e eram comidos em conjunto, trabalho altamente profissional. Sua linguinha inquieta passando sobre seu clitóris no meio da confusão. Às vezes uma chupadinha rápida, delicada. Que tesão! Lembrou das suas mãozinhas safadas e dos seus bracinhos curtos e tortos entrando carinhosamente em sua xoxota, para delírio dos pagantes.

Aos poucos a turma foi chegando para a última despedida: Zezinho Bootman, também conhecido como Mr. Marreta; Mama Crioula, a rainha negra do sexo, dona de uma vulva espetacular; Lady Bacanal, conhecida por suas performances coletivas, tendo ganhado torneios com recordes de trepadas seguidas, uma incansável amazona; Sonia Pé de Mesa, dona de um clitóris maior que os das baleias; Raquel Fonte dos Suspiros, que nas películas fazia que gozava esguichando um jorro de mijo no parceiro; Pepe Safado, o experiente diretor, descobridor de talentos, que tinha levado o sucesso do seu pequeno ursinho para a tela do cinema. Todos vieram trazer os votos de pesar, apresentar suas condolências a um verdadeiro artista, que nunca precisou ficar decorando texto. Era espontâneo. Sabia que caminhos o roteiro tomaria, tecendo performances maravilhosas nas mais de cem películas que tinha participado.

O grupo de artistas era pequeno, discreto, mas unido. Sempre se ajudaram nas mais diversas situações, mesmo em tempos de AIDS e hepatites.

Na hora do enterro ela desmaiou ao ver o pequeno caixãozinho ser coberto pela terra, na despedida final. Todos testemunharam que ela sentiu-se realmente mal, não foi enenação. No final, cumprimentou a todos de forma solene, agradecendo por aquela demonstração de amor e apoio.

Na outra semana estava de volta ao batente, tomando

rola por todos os lados, batendo bronhas em membros descomunais, engolindo gala, se lambuzando de esporra. A vida tinha que continuar, todos lhe disseram e acabaram lhes convencendo a voltar para a labuta – “seja profissional, a vida continua”. Mas a alegria não era a mesma, nenhum daqueles se equiparavam ao seu pequenino ursinho de pelúcia. Às vezes a saudade ainda lhe batia no peito, o que lhe fazia suspirar lânguida em plena cena.

5

DOROTHY

Chegou esbaforido, estava atrasado para o encontro semanal, que fazíamos desde os tempos da escola, sempre ao final da tarde, às sextas-feiras.

Antes de sentar, se dirigiu diretamente para mim e disse: —Lembra da Dorothy? A menina mais linda da turma do colégio, acho que da cidade, que andava o tempo todo coladinha em você.

Respondi:

—É claro que lembro, todos sabem como nos dávamos bem — e percorri com os olhos a expressão de cada um que estava ali sentado.

Ele completou:

—Pois, o marido dela matou a coitada. Está aqui, matéria de primeira página do jornal de hoje.

Foi como um murro no meu estômago, faltou-me o ar, não podia ser, apesar de tantos anos sem nos vermos, as imagens foram voltando em uma corrida louca na minha cabeça.

Eu e a Dorothy éramos carne e unha desde a infância, vivíamos juntos, estudávamos juntos, nos divertíamos juntos. Éramos vizinhos na rua em que morávamos. Eu era um bom aluno, mas muito tímido e mirrado. Nunca fui chegado aos esportes e à cultura do físico, tinha as orelhas de abano e um óculos que carregava na minha face diuturnamente, para compensar minha miopia.

Era o último dia de aula no colégio, na outra semana seria nossa formatura. Depois de tantos receios e medos, após tantos arroteios, resolvi tomar coragem e finalmente me de-

clarar para Dorothy. A partir da próxima semana muitos de nós iríamos nos separar para sempre, não nos veríamos mais.

Depois de muito hesitar, segurei suas mãos com ternura, apesar do tremor das minhas, encenando o ato que ensaiei na solidão do meu quarto por diversas vezes. Com rubor na face e gaguejando soltei a declaração de uma expiração só: —Dodó, eu gosto muito de você, estou apaixonado de verdade. Quer namorar comigo?

Nunca vou esquecer aquele olhar, o carinho daquele olhar, a ternura daquele olhar humilhante, quando apertou as minhas mãos com as suas e disse que me amava muito, mas que no seu coração, tudo que sentia por mim era como o amor de um irmão. Confessou que já estava comprometida. Me pediu segredo, pois ainda ninguém sabia e teria que explicar aos seus pais. Estava namorando com o Carlão. Para ele sim, seu coração estava entregue como homem e mulher.

Foi como uma ducha fria no meu corpo e na minha alma. Recolhi as minhas mãos, sem saber onde colocá-las, finalmente meti-as nos bolsos e baixei a cabeça envergonhado. Caminhei na direção do portão do colégio, ainda me virei para vê-la parada me olhando onde ficara. Dei as costas derrotado e humilhado e chorei perambulando pelas ruas do bairro sem direção. A partir daquele dia jurei que não amaria mais ninguém.

Carlão era o cara mais forte do colégio, aliás, do bairro, talvez da cidade. Vivia dando demonstrações de força e habilidades em acrobacias e lutas, com seu corpo bem delineado e dividido por centenas de feixes de músculos. Ele era bem mais velho que o resto da turma, pois repetiu todos os anos cursados. Não era muito íntimo de letras e números. Vivia dizendo que ia ser lutador de boxe e ficar muito rico destruindo a cara dos oponentes. Não perdia para ninguém na queda de braço. Adorava abrir cocos com a cabeça, dividir com seus dedos-torniquetes tampinhas de garrafa em vários

pedacinhos. Sempre que podia me humilhava com algum apelido, tipo graveto, galo d'água, e outros que configuravam algo fino e frágil.

Enfrentar aquele mastodonte nem pensar, sempre levei por menos e sempre que pude desviei do seu caminho. Seu aperto de mãos era com a intensão de humilhar, espremia meus dedos até quase moê-los em suas garras. Eu me contorcia calado.

Uma vez ele me imprensou na parede do corredor no colégio, empurrou o dedo no meu nariz e disse: — Tenha cuidado com a Dorothy. Não gosto de você com essa cara de santinho. Veja como se comporta. Por enquanto estou só te avisando. Não quero saber de você ter tocado num pedacinho dela. A Dorothy é minha.

Tempos depois soube que haviam se casado às pressas, pois Dorothy engravidara. Ele tentou a carreira de pugilista mas não deu certo, pois não conseguia seguir as regras, desafiando o seu treinador. Logo foi expulso da liga. Acabou trabalhando como montador em uma fábrica de móveis. Ela parara de estudar para cuidar dos filhos. De qualquer maneira, ele nunca teria permitido que ela seguisse alguma profissão.

Houve um encontro da turma cinco anos depois. Ela foi, ele não. Conversamos um pouco. Ela estava bem gordinha, achei seus cabelos descuidados, mas continuava muito bonita. Falou que já tinha três filhos e tirou da bolsa uma foto. Observei: —Uma bela prole.

Perguntou:

—E você?

Respondi, sorrindo da minha ousadia:

—Continuo só, você não me quis, continuo buscando você em cada mulher que encontro e não acho.

Ela baixou a cabeça e não disse nada.

Foi na festa que me disseram que ela era uma infeliz, que o Carlão era muito ciumento, que dava-lhe surras, inclu-

sive na frente dos filhos. Os vizinhos interferiam, ela ia para casa dos pais, depois ele ia lá, buscá-la, ela voltava como um cordeirinho. Ele virara um alcoólatra e havia comentários que gastava todo dinheiro que ganhava com drogas.

Depois tiramos fotos com todos reunidos. Ela pediu para tirar uma foto comigo, queria guardar como lembrança. Não retornou mais a outras festas da turma. Confesso que fui a todas na esperança de encontrá-la. Não a vi mais.

Voltei a mim sendo chacoalhado pelo braço.

—Parece que você entrou em transe e não escutou o resto da história. Está no jornal. Foi uma carnificina. Ele matou Dorothy e as crianças. A polícia chegou avisada pelos vizinhos, por causa do mau cheiro que exalava da casa, pois gritos e escândalos eram comuns e ninguém se metia mais. Tinham desistido, por medo. Os corpos das crianças estavam espalhados pela casa com suas gargantas cortadas à faca e o de Dorothy estava na cozinha degolado e cercado por uma poça de sangue coagulado. Havia salpicos de sangue nas paredes e teto. Quando a polícia chegou ele estava sentado à mesa na sala de jantar, com garfo e faca na mão. No prato havia pedaços de carne grelhada. Os pedaços eram do corpo de Dorothy. Ele tinha retirado nacos das coxas, das nádegas e das mamas. Não ofereceu resistência, dizem que apenas repetia baixinho “ela é minha, ela é minha, agora ela é toda minha”.

Uma das fotos no jornal mostrava a mesa de jantar, os talheres, o prato com um pedaço de carne grelhada e mais adiante uma foto mal focada, onde reconheci, era a foto que tiráramos de braços dados na festa.

6

A CARTA XIII

Repete mais uma vez, com gestos pausados e naturais, de quem tem intimidade com as cartas, a distribuição das mesmas sobre o veludo azul da mesa. Lentamente começa a colocá-las com a face voltada para cima, numa ordem já pré-concebida. Novamente fica olhando-as fixamente, sua mente viajando por todas as deduções possíveis. Está atônito. Nos últimos dias, todas as vezes em que colocou o Tarot para si, repetiu-se a mesma formação, tendo como centro a carta XIII. Sabia por experiência de anos lidando com cartas, a transformação que aquela carta significava. Pela primeira vez na vida tem medo. Ao lado dela sempre o diabo, mandando-lhe ter cautela, do outro, a lua avisando que não será bom e o enforcado, de pé cabeça, será repentino. Sabe que só os arcanos maiores compõem nada menos que 1.124.727.000.777.607.680.000 sequências diferentes. E aquela se repetia...

Resolveu complementar seu estudo, fazendo o mapa astrológico progredido para o mês de agosto. Mercúrio na casa 8. Consultas numerológicas. E conclusão, sua morte. Exatamente às duas horas da madrugada do dia 14 de agosto, uma noite da sexta para o sábado. Resta-lhe pouco, apenas três dias.

Liga para Alfredo, seu companheiro, amante, amigo de todas as horas de solidão. Rapaz bem afeiçoado, culto e tímido, com o único defeito de não dar crédito aos assuntos metafísicos e sobrenaturais. Também, ninguém é perfeito.

Alfredo desculpa-se por não ter aparecido no último fim de semana. Hora extra, banco particular, mas está com saudades, “adiantando as coisas para nossa viagem. Falta só uma semana”.

Amenizou:

—Eu não ligo para isso. Confio em você. Mas... preciso te falar algo com urgência. Pode vir hoje à noite, às sete, logo depois do banco? — Alfredo confirmou.

Desliga o telefone e fica admirando seu templo, assim o considerava, aquela sala de clima exótico, onde misturavam-se o sacro e o profano. E aquele cheiro de incenso. Estavam expostas lembranças de todos os cantos do mundo, com suas crenças e religiões. Livros, estatuetas, cristais, sinos, santos, pretos velhos, diabos, fadas e crucifixos.

A casa localiza-se num bairro burguês da cidade. Durante todos esses anos, tinha amealhado um patrimônio considerável. É respeitado e venerado por muitos. Por aquela sala tinham passado chefes de estado, políticos, profissionais liberais, artistas, figurões da sociedade. Todos recorrendo à sua capacidade divinatória. Estranho dom, agora pesadelo.

É um belo homem, de mãos finas e bem cuidadas, um corpo esguio, um andar leve, a fala mansa e tranquila, de uma pessoa livre da maioria dos vícios sociais. Apenas algumas rugas finas na face e os cabelos pintados, mexas grisalhas, denotam já maturidade.

Vive só, apesar de tantas paixões durante toda sua vida e do gozo da amizade de pessoas incríveis das mais diversas culturas.

Às dezenove horas, Alfredo chega, suado e com ares de cansaço. Jantam em silêncio. É difícil tocar no assunto com o companheiro, devido ao seu peculiar ceticismo.

Alfredo lembra que está tudo pronto para a viagem. As férias serão espetaculares.

Ele olha para o amante e diz que não irá mais:

—Não vale à pena, pode cancelar.

Alfredo grita sem acreditar:

—Você está louco?

Foi firme na resposta:

—Não, Alfredo, eu não estou louco. Gosto muito de você, sua terna companhia já há tantos anos. Seu amor, sua dedicação, sua simplicidade e sua ponderação que muito me têm ajudado em todos os momentos. Chamei-o para avisar que no final dessa semana não estarei mais nessa dimensão. Vou morrer na noite da sexta para o sábado. Não há dúvida. As cartas, os astros e os números confirmam. Fui avisado, que é chegada a hora de partir.

O outro não acreditava no que estava ouvindo. Chamou-lhe de louco, que levou a sério demais o ocultismo. —Uma capacidade que Deus não nos deu, para que não fôssemos mais infelizes do que já somos.

Foi taxativo:

—Estarei no aeroporto te esperando. Irei só ou acompanhado, pode ter certeza. — E foi embora, deixando o companheiro desolado e mergulhado num choro sentido.

É quinta-feira. Logo cedo, reúne todos os seus documentos e vai ao cartório lavrar um testamento onde deixa, em caso de morte, todos os seus bens para Alfredo. Está um pouco magoado pelo descrédito à razão do seu sofrimento, mas sabe o amor que lhe tem e ele é toda sua família.

Terminada a obrigação legal, sai perambulando pelo centro da cidade, sentindo o povo vivo e apressado nas ruas, um turbilhão de destinos se cruzando a cada segundo. Depois vai à beira mar e fica sentado num banco admirando o colorido das pessoas, o céu, a praia, a brisa lhe tocando a face suave e impassivelmente até o pôr-do-sol.

À noite, sente a falta do companheiro, que a essa altura está muito longe. Triste, esvazia algumas garrafas de bom vinho francês, escutando música suave a noite inteira. A música transporta-lhe para lugares e sensações boas. Recosta a cabeça numa almofada e meio tonto adormece.

No outro dia acorda com uma bruta ressaca, parece que o mundo todo estava agora pulsando na sua cabeça. Toma um banho frio e vai numa funerária comprar um caixão. Escolhe um modelo. Paga à vista e evita comentários com o vendedor. À tarde vai ao cemitério visitar o seu túmulo, leva os documentos. Solicita uma limpeza, dá uma gorjeta ao coveiro. Esse estranha tanto cuidado prévio e coça a cabeça.

Volta para casa já na boca da noite. Toma um banho de ervas aromáticas, unta-se com óleos do oriente e coloca uma bela bata branca de linho, sentando-se na poltrona solenemente. Ali tinha transcendido tantas fronteiras, mas agora era diferente, era sua prova de fogo maior, sua iniciação. Sente a emoção que antecede uma grande viagem, só que desta vez, sem volta.

Não lhe sai da cabeça, "duas horas da manhã, duas horas da manhã". Quer receber o momento mais importante da sua vida de maneira lúcida. Fica relembando sua vida num carrossel de imagens, que passam, passam, passam... adormece.

Acordou com o primeiro raio de sol entrando pela janela, passou algum tempo em estado de semiconsciência, até que se localizasse na realidade que lhe rodeava. Levantou-se lentamente. Pensou: Será que já morri e ninguém ainda sabe?

Saiu andando pela casa às apalpadelas, estava tudo muito real. Foi até o banheiro e se viu no espelho. Estava com olheiras bem marcadas, mas estava ali, era real. Abriu a porta da rua e recebeu o cumprimento de um vizinho madrugador. Estava vivo! Correu para o meio da rua e gritou: Estou vivo!

A vizinha colocou a cabeça para fora da janela berrando "cala a boca seu maluco. Um barulho desses a essa hora da manhã" e soltou um tremendo palavrão. Conteve a alegria,

retornou para dentro de casa. Caiu na real, realmente precisava há muito de umas férias. Perdera a viagem.

A campainha tocou. Era o carteiro. Trouxe um cartão postal de Alfredo. Na foto, Mickey Mouse e por trás dele o castelo da Cinderela. No verso está escrito: “Estou adorando tudo. A *Disneyworld* é um sonho, nunca me diverti tanto. Você não sabe o que perdeu. Do sempre seu. Beijos”.

7

I LOVE LUCY

Aproximou-se da casa examinando sua fachada. Pouco tinha mudado, se suas lembranças não estavam lhe traindo. Parou em frente à porta e apertou a campainha. Preferiu não avisar qual dia sairia.

Ela apareceu enxugando as mãos no avental e surpresa exclamou: “Você? Porque não me avisou?”.

Sentiu seu abraço apertado e uma estranheza imensa surgiu dentro de si. Depois afastou-se um pouco, descolando seu corpo para vê-la melhor.

Ela observou, “você emagreceu muito desde a última vez que lhe visitei.”

Ele apenas sorriu, não tinha nada para lhe dizer. Os últimos tempos tinham sido de muita angústia, a cada dia que se aproximava a sua soltura. Como explicar que em vinte anos as coisas mudaram muito, no mundo e nas suas vidas. Não se sentia mais o mesmo há muito tempo. Vira, sentira e vivera muitas emoções diferentes. Por mais que tenha evitado, a reclusão lhe embrutecera. Na prisão você tem que assumir papéis ou se ferra. Cada dia é uma aventura na luta pela sobrevivência.

Ela tentando ser natural falou: “Agora você vai tomar um banho. Vá para o banheiro enquanto eu pego uma muda de roupa bem limpinha que foi do nosso filho, para você colocar e ficar mais à vontade. Ele está trabalhando embarcado. Passa meses preso no mar”.

Tomou o banho lentamente se esfregando devagar e com vigor, tentando tirar algo que não saia, que nunca sairia. No espelho mirou o coração trespassado por uma flecha e den-

tro do coração escrito “I Love Lucy”, bem no meio do peito.

Saiu do banheiro com aquelas roupas confortáveis, macias, mas um pouco apertadas em seu corpo.

Andou pelos cômodos da pequena casa. Camas forradas e vazias. Chegou ao quarto de casal. Em cima da penteadeira havia um porta-retratos com uma foto onde se via ela, uma moça e um rapaz. Ficou olhando. Mulher de fibra. Criara sozinha os filhos. Enquanto eram pequenos ela os levava nas visitas mensais. Depois eles foram desaparecendo. Sempre houve alguma desculpa e ele não quis transformar aqueles encontros cada vez mais frios em conflitos. Nunca questionou nada.

Ela se aproximou por trás e disse: “as crianças cresceram”.

Ele balançou a cabeça afirmativamente: “hum, hum”.

Encostada na parede da sala, em frente à janela havia uma máquina de costura e ao lado uma mesa onde em cima havia esquadros e recortes de tecido. Ele se aproximou da máquina examinando-a.

Ela ao seu lado: “com essa máquina consegui sobreviver e criar os dois”.

Ele balançou a cabeça novamente: “hum, hum”.

Apontou a cadeira: “sente ai e espere um pouquinho”.

Foi até o quarto, puxou a gaveta da penteadeira e retirou uma pasta, retirou os elásticos e abriu. De dentro sacou uns papeis. Eram extratos bancários. Trouxe para a sala e colocou em cima da mesa, “Aqui está tudo que economizei por todos esses anos, para começarmos nossa vida. Ai está registrado cada tostão que consegui guardar”.

Passou os olhos pelos documentos e viu que ela tinha conseguido poupar uma boa quantia. Mulher de fibra.

Ela lhe preparou um café. Sentiu seu aroma delicioso e familiar. Bebeu o delicioso líquido mastigando umas bolachinhas de milho que tantas vezes ela lhe levava nas visitas. Lembrou dos velhos tempos e de uma vida que se fora.

Passou os olhos pela pequena sala, pelos móveis, a televisão ligada em um programa matinal de variedades. Nada ali era mais seu.

Admirou aquela matrona resignada, postada em pé na sua frente. Em sua face já havia alguns vincos e fios de cabelos brancos surgindo entre os velhos fios castanhos na sua cabeça.

Nunca ia poder lhe contar as sevícias que sofrera, a violência que tinha imposto aos outros, os pequenos crimes que cometera, as escaramuças e traições. Lembrou de Lucy. Quantas estaria aprontando no presídio?

Ao meio-dia ela colocou o almoço na mesa. Sentaram-se um de frente para o outro. Comida caseira: feijão temperado, sem gorgulho; o arroz bem branquinho e solto; a carne fresca e macia.

Elogiou: “estava tudo uma delícia”.

Ela observou: “você precisa ir a um dentista, seus dentes estão cheios de cáries e quebrados, logo na frente”.

Concordou: “preciso sim, pouco me olho no espelho”.

Após o almoço sentaram-se na sala. A televisão ligada. Tinham tanto para conversar, mas estavam sem assunto. Riram das fofocas e da exposição da vida dos artistas.

Contou: “Em breve você vai ser avô, sua filha está grávida, faltam poucos dias, está com uma barriga enorme, vai ser uma menina”.

À noite foi sopa de verduras com frango, sopa de verdade, não o caldo podre do presídio.

Ele comentou: “Seu tempero continua muito bom, igual ao de sua mãe”.

Sorriu agradecida.

Foram cedo para o quarto, dormir. Há muito tempo que não se recostava em uma cama tão macia. Lençóis limpinhos e cheirosos. Ficou passando a mão, acariciando a delicadeza do tecido. Ela passou a mão com ternura na sua face e beijou-lhe a

fronte. Ele sorriu e baixou os olhos envergonhado. Ela passou a palma da mão sobre o seu peito, bem em cima da tatuagem, mas não disse nada.

Lembrou de Lucy. Sentiu saudades. Como explicar, que todas aquelas noites pavorosas e sufocantes na cela lhe pediam companhia, o calor de um corpo, a cumplicidade de outra alma. Virou-se para o outro lado e adormeceu.

Acordou, ainda era madrugada. Lembrou que tinha que procurar um emprego. No bolso da calça tinha uma carta de recomendação do diretor do presídio, por bom comportamento. Logo compraria o jornal de classificados. Sabia que não seria fácil encontrar trabalho.

Vestiu sua roupa e saiu silenciosamente. Sabia que ela estava acordada e lhe acompanhava com seu olhar, silenciosa. Não disse nada. Chegou na sala, colocou a mão no trinco da porta da frente à tempo de ouvir um choro abafado vindo do quarto.

Abriu a porta, saiu, fechou-a atrás de si. Parou e respirou fundo. Pensou: “Eu amo Lucy”.

8

ATIRE A PRIMEIRA PEDRA

Naquele dia da semana era difícil se desvencilhar dos afazeres, mas conseguira uma pequena folga e faria uma surpresa para o seu amor. Era festa de aniversário de casamento. Passou numa loja de discos e comprou um elepê com uma coletânea de sambas-canção, gostosos, apaixonados. Passou na floricultura, comprou um belo ramalhete de flores e correu para casa, para curtir um dia diferente. Quebrar a rotina. Ia convidá-la para almoçar fora. “Que fechasse a cozinha e o apartamento”, pensou.

Não tocou a campainha. Abriu com sua chave, bem delicadamente. Ia fazer uma surpresa. Estava tocando uma música bem suave, que envolvia todo apartamento. Progrediu pé ante pé, de ramalhete na mão.

Foi quando vindo do quarto ouviu sussurros lascivos e o ranger do estrado da cama.

Parou na soleira, quando se deparou com a cena que nunca esperara na sua vida. Se tinha uma coisa que era forte em sua vida era a confiança que tinha nela. E estavam ali na sua frente ambos nus e suados, olhos assustados, pegos no flagrante.

Imediatamente se separaram e correram atrás das roupas para ridiculamente vesti-las às pressas.

Não disse nada. Abriu a porta da frente e deixou o amante sair.

Voltou para o quarto. Ela estava assustada, sentada na beira da cama. Apontou para a porta e disse:

—Vá embora. Acabou.

Ela baixou a cabeça, colocou alguns pertences numa

sacola e foi embora chorando, sem dizer nada.

Agora estava só. Num ímpeto de raiva, quebrou todos os porta-retratos onde apareciam fotos do casal nos diversos lugares em que tinham viajado – resorts, ilhas paradisíacas, estações de esqui – em sucessivas luas de mel. Pegou seu revólver que estava guardado há muito tempo no guarda-roupa. Rodou o balão e deu um tiro no quadro da Santa Ceia, pendurado na parede da sala de jantar. Acertou em Judas. Rasgou travesseiros, quebrou pratos e jogou pela janela tudo que tinha relação com ela. Respirou aliviado como se aquilo tivesse servido para aliviar sua mágoa. Deitou na cama e ficou brincando de mirar com o revólver a própria cabeça. Acabou dormindo exausto, no meio de toda aquela bagunça.

Acordou no outro dia, o apartamento estava uma bagunça. Se dirigiu ao toca-discos e colocou o disco que comprara para tocar, um samba de Ataulfo Alves.

“Covarde sei que me podem chamar, porque não calo no peito dessa dor, atire a primeira pedra, ai, ai, ai, aquele que não sofreu por amor...”. Sentou-se na poltrona brincando com o revólver, rolando o tambor e apontando o cano para sua têmpora. Quando a campainha tocou. Não atendeu. A campainha insistiu. Estava sentado na poltrona bem em frente a porta. Ajustou a arma com as duas mãos e mirou.

A porta se abriu. Era ela, belíssima como nunca. Tinha a cópia da chave.

Fechou a porta lentamente e olhou para ele candidamente: —Você me perdoa? Faça o que você quiser, mas me perdoe.

Continuou mirando. Agora bem na testa dela.

Ela perguntou novamente:

—Me perdoa?

Ele desengatilhou o revólver, arriou lentamente o braço para o lado da poltrona, abriu a mão relaxando a pressão sobre a arma, que caiu num baque surdo no chão.

No toca discos o samba continuava. “... *Eu sei que vão censurar o meu proceder, eu sei, mulher, que você mesma vai dizer, que eu voltei pra me humilhar, é, mas não faz mal, você pode até sorrir, perdão foi feito pra gente pedir*”.

9

PÉ DE COELHO

Tinha acabado de abrir o guichê da agência de correios onde além de cartas, malotes e telegramas vendia bilhetes da loteria federal, quando entrou pela porta esbaforido um pivete, que de vez em quando fazia serviço de recados por uns trocados, dizendo com a voz entrecortada:

—Mataram o comendador!

Corri para fora do balcão, segurando o desgramado pelos braços.

—Que foi que você disse?

—Mataram o comendador essa noite, na casa dele. Rasgaram a garganta dele, de um lado a outro. Tem sangue pra todo lado.

Disse isso soltando-se das minhas mãos e saindo em correria porta fora, para contar a mais gente a novidade, que para uma cidadezinha como a nossa era fato raro.

Imediatamente me livreí do único cliente, fechei o guichê, tranquei as portas da agência e me dirigi à passos largos para a casa do comendador. Pensando comigo mesmo “Quem poderia ter feito tal barbaridade?”.

O comendador sempre fora um homem poderoso. Fazendeiro de milhares de cabeças de gado, político velho, já tinha sido até deputado federal, não gostou da experiência, disse que o povo lá na capital da república era mais enrolado do que ele. Transferiu votos para o filho, que seguiu carreira política no seu lugar, para a família e seus interesses não perderem poder.

Era um homem sortudo. Os mais antigos diziam que o que engordou sua riqueza foi ter ganhado na loteria federal

sozinho. Aliás, algumas línguas falam que passou a perna num grande amigo, pois tinham feito o jogo na parceria, meio a meio. Acordo feito em mesa de bar, com testemunhas, selado no aperto de mão. Bom para os dois. Tira completa, coelho na dezena, guardada com carinho no bolso do paletó do comendador, pois era o mais velho.

Fui eu que vendi e testemunhei o acordo.

Deu a sorte grande, ganharam o prêmio maior. Ganharam vírgula: Na hora da divisão o comendador só passou para o amigo um único bilhete, que separou com todo cuidado da cartela. Disse que era pra descontar as bebidas que já tinha pago ao outro e etcetera e tal. O amigo reclamou, rodopiou, mas diante de conselhos e ameaças – o homem era poderoso – baixou a cabeça, guardou o bilhete no bolso e disse: — O mundo dá muitas voltas — e sumiu no mundo. Ninguém mais viu o sujeito na região, nem a muitas léguas dali.

Nesse dia, graças a Deus, eu não estava presente.

Uma coincidência começou a pulsar na minha cabeça. Um telefonema que recebi na semana passada. Uma voz de homem perguntando se poderia confirmar o endereço do comendador. Não era incomum esse tipo de telefonema. Como chefe da agência de correios local, conheço de cor nomes e endereços dos moradores da cidade e todos os seus logradouros.

No caminho vi que a cidade toda já se acordara. Pessoas em pequenos grupos conversavam nas calçadas. Ao chegar na porta da casa do comendador já havia uma pequena multidão reunida, num burburinho de opiniões e palpites. O delegado tinha isolado o quarto e aguardava a chegada da perícia da capital. O telefone não parava de tocar.

O comendador era viúvo e morava só mais uma velha criada que cuidava da comida e da arrumação da casa. Dizia que não tinha inimigos e sempre fora resistente aos apelos do filho para que fosse morar na capital.

Consegui dar um jeitinho e penetrar na casa. Cheguei na soleira do quarto. Senti-me mal quando vi a cena. No quarto, estendido na cama estava aquele corpo inerte e ao redor, sangue espirrado para todo lado. Havia um buraco enorme na sua garganta, que parecia uma segunda boca escancarada. No bolso do pijama havia um pé de coelho.

10

O CORREDOR

Acordei assustado. Ela ao meu lado me olhando com uma cara estranha, “você está bem?”. Respirei fundo, tentando me recolocar na realidade. Respondi que tive um pesadelo, que eu estava correndo pelas ruas de uma cidade grande, cheia de arranha-céus, era noite, alguém me perseguia, mas eu não conseguia ver quem era. Ela me fez um carinho na testa. “Você está suado, meu amor. Também o calor hoje está terrível. Vamos ter um verão e tanto”. Eu fiquei ali na cama, respirando fundo e descansando daquela corrida angustiada, sem sentido, para o nada.

Ela retornou, segurou firme com as duas mãos a minha face. Fixou seus olhos nos meus, “você só fez correr na vida, correu trabalhando, corria de um canto para o outro, correu para não chegar atrasado, correu para não perder o emprego, correu para o chefe não reclamar, correu para ser o melhor, para ganhar mais, para criar nossos filhos, para eu ter orgulho de você”. Suspirou, “até no fim de semana você corria, para manter a forma”. E sorriu, “Agora relaxe”.

Quis dizer pra ela, que eu não corri quando aquele cara me apontou a arma e descarregou toda em cima de mim, mas me calei. Ela não merecia que eu ficasse me lamuriando e repetindo histórias de tragédias. Nunca reclamei do meu destino. A vida é cheia de ironias.

Se levantou e foi se aprontar. “Tenho que ir, se chego um pouquinho atrasada o chefe já faz cara de quem comeu e não gostou, e fica o resto do expediente soltando piadinhas

irônicas pra mim”.

Saiu do banheiro já toda arrumada, cheirosa, cabelo penteado, olhos pintados, base no rosto, vestido lindo, decotado, parecendo uma artista de televisão. Meu Deus quando a vejo assim como fico apaixonado. Nem a idade e as gordurinhas de sobra conseguiram tirar o charme e a juventude dessa mulher.

“Vem que eu te ajudo. Está na hora de sair da cama”. E me ajuda a soerguer-me e sentar na cadeira.

“O café está pronto na garrafa, tem fruta na geladeira, o pão ainda está quentinho. Se vire”. E se dobra sobre mim para me dar um beijo nos lábios, com sabor fresco e gélido de creme dental.

Tomei meu café, fiz minha higiene matinal, limpei a sonda. Depois me postei em frente à televisão, para assistir à sucessão de programas imbecis que se apresentam para mim durante o dia.

Não quis reclamar para ela, que cada dia que passa ela tem chegado mais tarde do trabalho e isso me incomoda. Ela vive se queixando que a pressão tem sido enorme para se manter no cargo. O que revolta é que são horas extras que ninguém paga. A empresa tem exigido sacrifícios.

Não quis contar para ela, que no sonho, antes da corrida desenfreada, eu estava amando uma mulher que não era ela, quando o marido chegou e nos flagrou. Disse que ia nos matar. Então sai correndo. Seria constrangedor.

À noite, ela chega com cara de cansada e me dá um beijo, exalando uma miríade de aromas que se cercaram do seu corpo durante o dia. Olha pra mim com ternura e diz que vai tomar um banho, para depois cair na cama e dormir.

11

UM HOMEM DE BEM ou O GORDO

Seu doutor corregedor. A sua pergunta é difícil de responder. Se eu confirmo que matei o menor? A mãe está cobrando providências? O conselho também? A pastoral também? Caso difícil? Era marginal, doutor. Ossos do ofício. Antes ele do que eu, doutor. Vou contar tudo bem direitinho, pra não ficar dúvida. Aí o senhor tira suas conclusões.

O doutor delegado me mandou numa busca, para apreender um satanás, que estava empestando a vida do povo da invasão. Bateu na mesa firme: “bota pra foder com esse pentelho, que eu quero ele aqui hoje, para apresentar à imprensa e mostrar que nossa equipe é de primeira. O secretário já ligou para mim, dando carta branca. Fiquei orgulhoso pela confiança da missão. Você não pode me decepcionar. Entendeu?”.

O demo já tinha sido levado três vezes e sempre solto pela doutora juíza. Que, segundo diziam, impunha: “é de menor, solta o menino! Olha os direitos humanos. Está dito e cumpra-se”.

Na última vez, doutor, o fí da peste além de matar o outro, que também não era lá boa coisa, arrancou a cabeça fora com um facão e enfiou numa cerca. O moleque disse que era para se impor. Mostrar pra todo mundo quem mandava ali. O infeliz tinha paquerado sua irmã. Uma vadia, que foi reclamar pro demo que estava sendo importunada. Uma galinha, com perdão das galinhas, coitadas.

Pois bem, numa jogada de sorte, botamos dentro da invasão, com sangue nos olhos e depois de uma meia dúzia de troca de tiro, desmontamos a cafua. Foi um corre-corre dana-

do. Um monte de marginal, mulher, menino e cachorro saltando pra todo lado.

O infeliz se apareceu com as mãos na cabeça, gritando: “sou de menor, tô desarmado, quero meus direito, tão no estatuto do menor”.

Depois que algemei o sacana deu vontade de meter umas bordoadas, mas o cachorro só gritava pelo estatuto pra todo mundo ouvir, o safado.

Quando empurrei o filho de uma puta na viatura, olhou pra mim com olho maroto e disse: “gordo, cuidado comigo pra não me machucar”.

Seu doutor. Eu odeio quem me chama de gordo! A raiva foi tanta, que puxei ele de volta e resolvi encaixotar ele na mala da viatura.

Abri a mala e ordenei: “Entra!”.

Ele disse: “Entro não”.

Perdi a paciência, “Entra não o quê, fi-da-pé!” e empurrei com cabeça e tudo num safanão.

Pois não é que o satanás olhou pra mim e jurou: “gordo, eu saio logo, e quando eu sair eu vou te acertar”.

Que é que o senhor doutor faria no meu lugar?

Tranquei a mala da viatura, passei num posto, arranjei gasolina, passei numa borracharia, arrumei seis pneus velhos, rumei na viatura e corri junto com o diabo para uma estradinha erma lá pros lados da Bahia, onde, confesso, já tinha encomendado alguns pra cidade de pé junto.

Em lá chegando, abri a mala e gritei: “Salta fora moleque, que seus dias de sucesso acabaram”.

Arregalou os olhos, “qué que você vai fazer comigo?”.

Respondi vitorioso: “vou te dar sumiço infeliz. Não se jura um homem de morte e eu detesto quem me chama de gordo”, arrancando o fí da gota da mala.

Começou a se tremer todo. Viu que tinha chegado a

hora. Se ajoelhou. Implorou. Pediu por tudo quanto é santo. Cagou nas calças e se mijou todo.

Mas o senhor sabe, seu doutor corregedor, pena quem tem é galinha. Meti-lhe meia dúzia de tiro no bucho. Vesti o demo com os pneus, enchi de gasolina o desgraçado e toquei fogo. Não sobrou nem o chumbo das balas.

Agora estou nas mãos do senhor. Espero que o senhor não destrua a vida de um homem de família. Estou na polícia há vinte anos. Muitos serviços prestados. Nunca neguei fogo. Pergunte ao doutor delegado. Nunca deixei de cumprir uma missão. O senhor não acha que fiz o que um homem de bem faria?

12

OS COMPADRES

Conheci os dois numa dessas noitadas de fundo de bo-dega de bairro, estavam felizes. Sempre foram caras violentos, mas tinham fama de ser extremamente fieis aos amigos. Falava-se à boca miúda, que já colecionavam algumas mortes e desafetos em suas sombras, questões de dívidas e de mulher. Falavam que eram o braço direito de algum chefe do outro lado da cidade. Mas sempre voltavam ao bairro, nos arrabaldes, onde agora eu morava.

Eram compadres e assim se tratavam, tamanha era a amizade. Não que os laços do compadrio tenham sido feitos na igreja, mas na vida que levavam, à beira da sociedade. Assim foram criados, assim cresceram, assim viviam. Ninguém sabia ao certo de onde vieram, pois parentes próximos por ali não tinham. O que os tornava fisicamente inesquecíveis era o conjunto que formavam, pois um era baixo, gordo e conversador, o outro era alto, magro e calado.

Um dia ela apareceu toda sirigaita numa dessas festas de largo. Não demorou para estar sentada na mesa dos dois. Também não demorou para estar de agarros com o gordo, que lhe cobriu de palavras amorosas. Do agarro para paixão foi um pulinho e num instante, já tava amancebada com teto e tudo. Passaram a andar os três. Tudo muito natural.

As brigas começaram armadas por ciúmes, que ela inventava ter dele. Primeiro uma aqui, outra lá, depois foram ficando frequentes, na frente de quem quer que fosse. Ela sempre buscava o apoio do magro, quando a coisa esquentava. Ele vinha em tom apaziguador, tecendo elogios à companheira do

compadre, conseguindo amenizar a fúria do amigo.

Um dia soubemos que ela levou tanta porrada, que baixou hospital. O gordo a tinha espancado para burro e depois jogado como um saco de lixo porta fora da casa.

O magro foi visitá-la. Sabe como é, para acalmar os ânimos. Levou uns mimos, caixa de chocolate, ramallete de flores, bombons. A recuperação foi rápida. Não tardou para estarem desfilando de mãos dadas pelo bairro, ela e seu novo parceiro.

Alguém tem dúvida se o magro falou com o compadre? Falou, não viu problema nenhum em contar a verdade, pois ela tinha sido descartada igual carta ruim de baralho e jogada igual uma vira-latas no olho da rua. O gordo ouviu tudo calado, ficou com cara sem graça e depois amou-se cavando seus instintos.

A amizade não foi mais a mesma. Esfriou. O compadre não entendeu que pisou em terreno intocável. Começaram com uns estranhamentos, umas piadinhas de cada para cá e para lá. Não durou, saltou para intolerância. Mal se cumprimentavam.

Agora os dois ficavam desfilando pelo bairro trocando beijos e se agarrando. Se mostrando para todos. Isso deixava o gordo irritado. Ela tinha lhe causado muitos problemas, mas fora sua paixão. Era terreno pantanoso, que o amigo não deveria ter pisado. Ficaram muitas dúvidas e comentários sobre a fidelidade da cabocla. Ela sempre carregou o estigma de mulher galinha, com seu olhar sem vergonha, pidão, que corria sem piscar de cima abaixo o corpo do apresentado.

Aconteceu numa mesa de carteadado. Além dos dois estavam no jogo mais uns três elementos e uma meia dúzia de perus para comentar. O magro bateu uma mão gorda e comentou maliciosamente, como se sonhasse em voz alta, que aquele dinheiro todo ia para um colar, para embelezar os peitos da vadia. O outro não gostou. Achou que foi provocação. O compadre riu no desdém. Foi só o tempo do gordo dizer “levanta pra morrer como homem” e o outro saltar pra trás que nem

um cabrito. Ambos sacaram instantaneamente suas armas e atiraram simultaneamente. Houve uma saraivada de disparos, a mesa foi virada, cartas voaram pela saleta e os corpos caíram ensanguentados no chão.

Eu? Fiquei quieto, encolhido num canto. Um tempo depois ainda deu pra ver a sirigaita entrar, caminhar entre os corpos retorcidos, parar entre os dois e ficar um tempo olhando. Não senti nenhuma demonstração de sentimento. Fez uma careta e saiu furtivamente no meio da confusão que se instalou no local. Não demorou muito e a polícia chegou. Levou alguns perus para prestar depoimento, soltando depois. O rabeção levou os dois para o IML. Ninguém foi lá reclamar.

13

O PUNHAL

Perdeu o pai cedo. Morreu numa briga provocada por intrigas de mulher e traição. Dos detalhes, pouco lhe contaram, o assunto virou tabu, ninguém falava ou se falava era aos cochichos nas salas e corredores.

Foi criado pelo avô, que paulatinamente passou-lhe todos os saberes e segredos da lide no campo. Era o eleito natural para dar continuidade a vida na fazenda, com suas terras e seu nome.

Um dia o velho chamou-lhe no quarto e abriu o antigo baú, revestido de couro trabalhado, eternamente trancado por um cadeado de aspecto secular. De dentro tirou o que parecia ser um estojo, enrolado num lenço de cetim vermelho, que se desfez em pó ao ser tocado. Desnudou um punhal, de lâmina trabalhada com caracteres estranhos e cabo de madrepérola. Mandou que segurasse aquele instrumento e explicou-lhe que a partir daquele dia era o seu guardião, o punhal atravessara séculos de uma para outra geração da família. Era japonesa a sua origem, forjado para príncipes, trazido pelos seus antepassados de viagens ultramarinas, tendo na sua história participado de caçadas, lutas e guerras, trazendo, aquele objeto, entranhada, toda uma história de heroísmo, mortes e conquistas.

Pegou um pedaço de papel e com um golpe certo e delicado, cortou-o sem qualquer ranhura nas duas margens. Aquela lâmina nunca perdera o fio, sua têmpera era especial.

Finalizou, advertindo o neto, que de olhos arregalados permanecia estático no meio do quarto.

—Nunca aponte ou ameace ninguém com este instrumento, se

não terminar a intenção, não usá-lo será sua desonra.

A partir daquele dia o punhal passou a ser um item inseparável do seu vestuário, sendo sempre útil no auxílio a pequenas tarefas no campo, mais do que seu simbolismo.

Cresceu homem orgulhoso dos seus princípios, da palavra dada e austero na lide do campo. Aos domingos sempre ia atrás dos folguedos das cercanias. Nunca buscou problemas, nunca se deixou perder pelo ciúme ou pela embriaguez. Tinha atração particular por um cabaré situado na periferia da cidade. Frequentava mais pelo costume, que pela necessidade. Como sempre, ao entrar retirou o chapéu, cumprimentando a todos presentes, com repetidos meneios de cabeça. Sentou numa mesa, num canto onde já era do seu costume. Pediu uma dose. Uma moça, aparentando recém saída da adolescência trouxe o copo e pediu permissão para sentar. Ele acedeu, afastando a cadeira ao seu lado. Ela não era daquelas bandas, disse para ele que ia ficar pouco tempo. Notou que falando com ele olhava seguidamente para a porta, como se estivesse à espera de alguém. A conversa foi ficando aos poucos animada, encontraram mais detalhes em comum que diferenças entre os dois.

Num determinado momento entrou no pequeno local um homem estranho. Não identificou o sujeito como da região. Era alto, robusto e com cara de pouca conversa, vindo, sem pestanejar, direto para a mesa em que os dois se encontravam.

Foi ríspido e grosseiro, mandando-a se levantar para ir lá para fora com ele. Ignorou a companhia. Ela reagiu desafiante.

—Agora não, sente numa mesa e aguarde que logo chego lá.

Ele repentinamente pegou-a por um dos braços, na intenção de arrastá-la à força da mesa.

Foi nesse momento, que o outro, que até então não se movera, bateu com força com a mão espalmada no tampo da mesa e disse:

—A moça tem companhia. Respeite a ela e a mim.

O brutamontes parou por um instante bafejando sua fúria, largou o fino braço que até aquele momento puxava, sacou de um facão que tinha atravessado na cintura e ameaçou: —Quer morrer, seu fedelho? Senão caia fora.

O que se viu foi o embolar de dois corpos entre as mesas e cadeiras, que grunhiam e no final um que borbotava tripas e sangue pelo abdome aberto e uma tira que lhe dividia cabeça e pescoço de orelha a orelha, como um sorriso de uma boca bem larga.

A polícia veio e levou-lhe preso. Após alguns dias foi solto. Todos testemunharam a seu favor. Tinha agido em legítima defesa. Ficou patente que sempre fora um rapaz de paz.

Pouco se falou depois sobre o assunto. Da mulher nunca mais ouviu falar. Desaparecera na mesma noite, sem deixar vestígios. Todas as buscas foram infrutíferas.

Após sua soltura, recebeu de volta o punhal. Saiu calado, passou a noite em claros alisando a arma como a um fiel cão de guarda. No meio da madrugada levantou-se, pegou no celeiro uma pequena pá, abriu um buraco embaixo de uma velha árvore no quintal e enterrou a pequena relíquia.

Até sua morte nunca mais quis saber daquela arma e evitou chegar perto do local onde só ele sabia que a mesma repousava.

Não saberia explicar a ninguém, que aquele punhal carregava atrás de si toda uma lenda de uso e que tinha sido apenas um instrumento de sua história. Resolvera que aquela história terminava ali.

14

TONHO MATADOR

Eu disse para ele, seu delegado, que queria outra vida. “Eu mudei Tonho, chega de ser sua empregada. Cansei do tanque e do fogão. Ficar aqui me matando pra você ficar nos botecos bebendo e curtindo as vadias”.

Ele me olhou feio, deu meia volta, bateu a porta da frente e saiu, bêbado como estava, parecendo um gambá fedorento de suor e perfume vagabundo.

Como sempre, me arrependi logo depois. Senti uma pena danada, mas estava aliviada, pois, pelo menos desta vez, não correu para cima de mim, para mim encher de bordoadas. Foi embora, desapareceu da minha vida.

Só eu para aguentar esse homem, seu delegado. Conheci desde pequeno. Fomos vizinhos de barraco. Ele foi sempre muito arredo, arisco. Ficava amuado num canto, sem querer saber de brincadeira com os outros garotos.

Me aproximei do fidapé porque eu era fraca em matemática e ele era bom que só um danado nas contas. Pedi ajuda. Ele não negou e logo estava junto comigo resolvendo os problemas cabeludos, cheios de multiplicações e divisões. E eu de olho nele. Desde aqueles tempos. Eu não deixava nenhuma sirigaita se aproximar.

Era órfão de mãe. Foi criado pela tia, nossa vizinha. O pai tinha matado a mãe de porrada. Ele assistiu. Não pôde fazer nada. Era pequenininho. Mas nunca esqueceu.

Ser criado por tia é diferente da mãe. Foi tratado como empregado na casa. O pai na cadeia. Nunca quis ir ver. Morreu um tempo depois, cuspidando sangue quando tossia. Fez de con-

ta que não tinha nada a ver. Não sabe nem onde está enterrado. Nunca se interessou.

Esta noite, seu delegado, me acordei com um barulho danado na porta. Alguém queria botar minha porta abaixo na base do pontapé. Perguntei: “Quem é?”, era ele. Gritou: “abre sua vadia, senão quebro tudo e você”.

Corri na cozinha, empurrei uma faca por baixo da bermuda e resolvi enfrentar o vagabundo. Abri a porta.

15

CARTA PARA DONA ADIVANETE

“Dona Adivanete desculpa as expressão mais é pura verdade o emprego de sua filha como aprendiz foi tudo uma farsa montada por Jovelino ela fazia de conta que ia pra fábrica e lá mesmo os dois iam pra praia depois pra o motel porque ele disse a ela que ia namorar na porta mais de vez em quando iam ter que sair pra namorar gostoso.

As duas semanas de trabalho foi tudo safadeza os próprio colega de trabalho dele sabem eu sei porque o próprio amante dela me disse sua filha só tá esperando completar 18 anos pra ficar grávida ele disse que pra disfarçar está deixando de fumar e beber pra conseguir fazer o restante do trabalho com ela.

Ela disse que gosta de homem safado e moleque ele é tão moleque que já teve seis mulheres e não da mesada das quatro filha. A primeira mulher dele deixou porque ele só andava na farra e arranjando mulher na rua e dormindo fora durante o tempo de casado ele só foi ficar socegado quando ficou doente ai ela não quis mais ele e assim foi como as outra cinco que ele morou ele diz que dá pensão mais é tudo mentira quer a prova vá perguntar a última que trabalha no mercadinho a família dele é toda errada começa pela mãe que bota gaia no pai com um menino bem novinho a senhora preste atenção o pai corno vive atrás dele porque é safado igual e o cunhado pra andar com o carro cheio de mulher até seu filho mais velho também anda falando em deixar a mulher dele para andar assim.

Eu gosto muito da senhora ele fala que tem um filho o mais novo mimado seu que eu não sei quem é que é bicha e dá pra todo mundo eu não dou assim meu nome todo porque eu sou amiga deles e filha de uma amiga sua.”

Sua primeira reação foi amassar a carta com toda força e ódio que explodia dentro de si. Respirou fundo e guardou a maçaroca do papel no bolso do vestido. Não conseguiu fazer mais nada. Uma hora a cachorra da sua filha teria que chegar. Foi para a porta da casa, cruzou os braços e ficou à espera. Foi quando viu das Dores virando a esquina, toda reboiativa. A filha do cabrunco quando viu a mãe diminuiu o ritmo e o rebolado, baixou a cabeça, a sonsa. Quando chegou perto, olhou para a cara fechada da mãe e franziu o cenho, “Oi mãezinha. Está tudo bem?”. Dona Adivanete disse com voz baixa e crispada “passa pra dentro sua sem vergonha”. Foi só entrarem e sem falar nada a mãe foi logo acertando uma bofetada no meio do rosto. Ai a porrada comeu no centro. Deu uma surra de lascara na filha. Sem esclarecer o motivo, só gritava: “Piranha safada! Puta safada! Cachorra!”. Para a vizinhança toda escutar. Foi no quarto, empurrou de qualquer jeito as roupas da filha numa sacola. Pegou o telefone, chamou um carro de praça e mandou a coitada para a capital. Ia ser de serventia na casa de uns compadres seus. Foi na Estação Rodoviária e comprou passagem para o filho ir de ônibus para São Paulo, pra sumir e não aparecer mais na sua frente com estória de viadagem. Em seguida se dirigiu para a porta da fábrica, esperou a sirene tocar anunciando a saída. Foi só Jovelino aparecer para velha empunhar sua sombrinha como esgrimista e desferir uma série de golpes certos na cabeça do outro, que saiu com um olho roxo e um talho na testa, para dar uns pontos no posto de saúde. Armou o maior barraco. Ousadia. O safado estava interessado só no cabaço de sua filha. Sabe lá se não já tinha sido arrancado. Foi na casa da missivista (pois não tinha dúvidas de quem enviou), armou bate-boca na porta, chamando-a de fofoqueira safada, desafiando a vir para o meio da rua para apanhar, esconjurando a família toda e ameaçando tocar fogo na casa. Ninguém apareceu.

A polícia foi chamada. Chegou de sirene ligada, espantando a pequena multidão de curiosos que tinha juntado e levou a velha algemada no camburão para a delegacia, com abertura de boletim de ocorrência e tudo mais. Veio advogado, amigo da família, e pagou a fiança, garantindo controlar a brabeza da velha senhora.

Depois de solta, foi para casa, triste e envergonhada. Não quis palavra com ninguém, deitou na cama, se abraçou ao travesseiro, chorou um bocado, passou mal e morreu apertando com as mãos os peitos moles.

16

ORMINDA

Não gostou quando se encontrou com ela e viu que o outro deu-lhe uma surra de arrancar o couro. Deixou a mulher toda marcada, “o filho d’uma égua”.

Ela disse carinhosa: “não estou nem aí, isso passa. Logo some tudo e fico boa. Isso passa, meu bem”. E puxando Pedro para si “vem pra cá meu garanhão, vamos fazer um amor gostoso, como só você sabe fazer, apague meu fogo, que está me comendo toda por dentro. Esqueça aquele traste”.

Como esquecer, vendo a mulher da sua vida toda en-zamboada de marcas de murros e cinturão. “Não tarda vou dar um jeito nisso”.

Ela falou bem séria: “Se conforme homem, que ele eu não posso deixar. Casei no cartório e na igreja. É o pai dos meus filhos. Se assossegue e se contenha, que a vida é assim. Nem tudo é como a gente sonha ou quer. O mundo não é de todo bonitinho”.

Foi direto para bodega. Estava com o satanás na alma. Depois de tomar umas limpas, soltou o verbo, com gestos ameaçadores, “Quem não sabe? Todo mundo aqui sabe que o amor da vida de Orminda, sou eu”.

Os que estavam no balcão baixaram a cabeça sem dizer nada.

Continuou: “Qualquer dia desses retalho aquele safado na faca e abro de um lado ao outro o pescoço do fi-da-pesto, igual a gente faz com uma galinha. Que é o que ele é? Velho, corno e covarde. Homem que bate em mulher”.

O irmão, presente, sempre ao seu lado, apaziguador,

“calma mano, caia fora dessa história. Essa coisa de se meter com mulher dos outros nunca acaba bem”.

Pescador igual não tinha. Pedro Maré descrevia direitinho o céu noturno, que lhe ajudava a se guiar, para acertar os bancos de corais no meio do mar. Sempre retornava carregado de peixes. Para ele, todo tempo era bom para a labuta.

Deu pela falta do mano. Saíra para pescar há dois dias e não voltara. Perguntou para os que retornaram se tinham visto rastro de Pedro. Ninguém viu nem sombra. Armou um bote e saiu dando bordo pelo rio, catando nas margens por qualquer sinal da canoa.

Aproximou o bote do manguezal, de longe já dava para sentir o fedor. Quando revirou o corpo, reconheceu o que já desconfiava, era o que restava do corpo do seu querido irmão. Falou baixinho se dirigindo para o cadáver: “eu sabia que essa história não ia acabar bem, passou a viver arriscado, pulando a cerca alheia. Perdeu o juízo”.

Chamou a polícia, vieram os bombeiros e levaram o corpo. “Tudo indica que não foi escorregão não, foi uma paulada na cabeça, o crânio está fraturado”, disse o delegado. Veio o médico, fez o corpo de delito e confirmou.

O delegado aproveitou sua presença e foi logo perguntando: “Desconfia de alguém?”.

Respirou fundo, tomou coragem e desabafou: “O diabo botou aquela cabrunca da Jezebel no caminho do mano, égua velha metida a porda faceira, cachorra no cio já amassada e amolengada por outras mãos. Ainda pintou, num ato de ousadia, o nome da desgramada no costado da canoa. Com aquele nome só existia aquela fia duma peste aqui. Passou a perder a hora da maré, chegar atrasado nos compromissos, relaxar

na costura das redes. Sempre fitando as distâncias, com olhar perdido no nada, buscando alguma coisa escondida por detrás do mar. Não sei o que meu pobre irmão descobriu naquela megera. Não tem nem esse corpo todo. Bunda batida, perna cambaia, cabelo bolo de noiva à moda antiga e aquela cara sonsa de mulher santinha, virgem de Jesus cristinho, que não engana ninguém”.

O delegado coçou a cabeça e disse como se estivesse pensando alto: “vou ter que intimar esse povo, para esclarecer algumas coisas”.

A cidade silenciou. Ninguém sabia de nada, ninguém viu nada, as ruas ficaram desertas.

No outro dia, enquanto passava o féretro na direção do cemitério, o marido fez que não viu. Permaneceu na posição em que estava embaixo da velha amendoeira, tecendo sua rede de pesca, com seu velho chapéu de palha enterrado na cabeça, um palito de dente chupado num canto da boca e um pacaio pendurado no outro lado, apagado.

Olhou pelo canto do olho, desconfiado, e viu outros olhos silenciosos buscando pelos seus, vindos do cortejo.

Orminda sumira, ninguém soube, ninguém viu. Trancada dentro de casa ficou, encolhida no quarto, nervosa, esfregando as mãos em desespero. “O que seria da sua vida agora?”.

Foi intimada para comparecer à delegacia. De olhos sempre voltados para o chão, declarou para o delegado que do seu lado o marido não arredou pé. Que roncou a noite inteira, igual menino de alma limpa e inocente. E que ela mesma não tinha nada com o finado, só amizade.

Pensou: “de que adiantava bater com a língua nos dentes e contar toda verdade, transformar minha vida num inferno. Um, morto já estava. Agora imagine o outro na cadeia, uma tragédia. Como é que ia viver com os filhos para criar?”

Quando foi a vez dele, disse para o delegado que botar

o nome dela nessa história era invenção de gente ruim daquele lugar, gente fofoqueira e maldosa, que vivia de inventar cornos para as pessoas de bem. Sua mulher era honesta e trabalhadora, e ele um homem de princípios, pescador, pobre, mas de mãos limpas. “Deus tava vendo”.

O inquérito policial continua. Quem matou? Ninguém sabe, nem comenta.

17

A CONTINUIDADE DO CIRCO

“Atenção senhoras e senhores, muita atenção, o *GRAN CIRCO INTERNACIONALE MILANY* avisa aos moradores de Santa Felicidade que hoje à noite teremos o nosso primeiro espetáculo. Ficaremos nesta cidade aprazível e progressista em curta temporada. Durante a semana teremos uma apresentação às vinte horas; aos sábados e domingos, uma apresentação às dezessete horas e outra às vinte horas. Não percam o show de ilusionismo com o mágico de Oz, nossas rumbeiras, a alegria dos palhaços, o macaquinho Chico Tripa e o trapezista internacionalmente conhecido, *Mr. Fly*, o homem voador. Crianças com menos de seis anos e senhoras com mais de sessenta não pagam. Não percam esse show de variedades, bom gosto, beleza e coragem! Teremos uma mulher serrada ao meio, a famosa dança do ventre e o voo cego do trapezista. A cada noite o macaquinho Chico Tripa apontará entre as senhoras e senhoritas da plateia, a mais bela, que ganhará uma prenda. Preparem-se para essa emoção inigualável do *show business*.”

Fatinha estava na janela quando o carro do alto falante passou anunciando a novidade, seus olhos brilharam, e pela movimentação no local em que estavam armando o circo, esse era o maior que já tinha visto na sua vida. Aquilo mudava um pouco a rotina da cidade e a sua também. Em Santa Felicidade, nos fins de semana, apenas existiam os forrós e a discoteca, seu pai nunca a deixara ir. Com o circo vinham as conversas, a paquera, a pipoca, o rolete de cana, as pitombas, a maçã do amor, o geladinho, coisas boas... Todo dia um espetáculo diferente, uma novidade musical, os sorteios, as prendas.

—Fatinha, minha filha! Vem pra dentro menina, sai dessa janela e vem ajudar sua mãe na cozinha, pelo menos passe a vassoura no terreiro. Nunca vi menina mais sonhadora, até parece que nasceu para ser princesa.

—Mãe, se eu ajudar a senhora, promete que deixa eu ir ao circo hoje à noite. O dinheiro da entrada eu tenho guardado, que o padrinho me deu.

—Menina, isso é assunto para seu pai.

—Ô mãe... eu vou com Cidinha e Das Dores, não tem problema não. Deixa vá...

Isso ela dizia com a voz mais melosa do mundo, comprando fácil sua mãe. Era uma menina-mulher linda, morena jambo, dos cabelos pretos escorridos de índia, corpo torneado, rijo, carnudo, de seios miúdos e andar balouçante inocentemente provocador.

A mãe inflexível: — “Fale com seu pai.”

O pai, velho pescador, era uma pessoa arredia às festas e folguedos da cidade, apenas saindo de casa para as missas aos domingos e as procissões de N. Sra. da Conceição e São Pedro, pois era devoto. Achava que a maioria das diversões do mundo era armada do diabo. Vivia em função das marés, cumprindo metodicamente os ritmos da lua. Um bando de filhos miúdos para dar de comer e cada dia a pesca mais difícil. O mar já não era o mesmo, estava cada dia mais penoso viver da pesca. Tinha que sair todos os dias para deitar rede e arriscar algumas tainhas. Era seu ofício.

Estava costurando os buracos da rede, quando a filha chegou de mansinho. Queria coisa.

—Pai.

—Diga filha.

—O circo chegou.

—E daí?

—Deixa eu ir hoje à noite. Mãe disse que era pra falar com o

senhor. Vou com Cidinha e Das Dores. O dinheiro da entrada eu tenho guardado que meu padrinho me deu. Deixa...

—Não gosto disso, sempre acaba em confusão, mas circo ainda é coisa bonita de se ver. Só tem uma coisa: acabou volta pra casa correndo. Ai de você...

—Brigado pai, eu volto correndo.

—Agora vai ajudar sua mãe.

Ficou ali tecendo as redes e matutando. Como estava bonita! Quinze anos de idade e já uma mulher feita. Dia desses ainda estava chupando o leite da mãe.

Fatinha foi para o circo, alegre, cheirosa e reboiativa, vestida num short jeans, mini-blusa, tênis e um batom bem vermelho a encher-lhe os lábios.

Tinha nascido dentro do circo, era sua vida, brincou a sua infância num grande de dois picadeiros, rico em atrações, correndo mundo. Foi criado no convívio com os grandes artistas circenses e na intimidade dos animais selvagens. Desde cedo a sua grande paixão foi o trapézio, o homem desafiando a força da gravidade. Logo cedo começou a aprender as técnicas dos saltos e piruetas. Aos quinze anos já tinha feito sua estreia no picadeiro. Um dia, ao dar um salto mortal, foi arremessado para além das redes de proteção. Ficou fora de atividade por mais de ano com costelas, braços e pernas quebrados. Restou-lhe como escolha funções pelas quais nunca sonhara. Buscou o consolo na bebida. Não nascera para os bastidores ou outras atividades e sim para o palco, e pior, lá em cima, tocando a cobertura de lona.

Há dez anos que estava no circo *Milany*, conhecera a sua proprietária, procurando artistas que aceitassem correr o Brasil no seu pequeno circo, herança do seu pai que tinha mor-

rido assassinado num entrevero passional. Iracema acreditou nele, na sua capacidade de recuperação. Foram meses de treinamento intensivo, onde deu-lhe todo o carinho que se dá a um novo amor. Batizou-lhe artisticamente de *Mr. Fly*. E em pouco tempo, com acrobacias simples mas de bom efeito plástico, já levava ao assombro as plateias das pequenas cidades e vilarejos por onde passavam. Sentia-se novamente um rei, estava no lugar onde acreditava ter sido destinada sua vida, era *Mr. Fly*, o homem voador.

Mais uma cidade visitada, os aplausos, os gritos de assombro, às vezes, uma fotografia ao lado do herói voador. O prazer dessa vida de cigano, de acordar todas as semanas com uma paisagem diferente à sua volta.

A caravana era pequena, compunha-se de um caminhão já bem velho e carros com trailers a reboque, onde moravam as famílias, servindo também de camarins para os artistas. Os ajudantes geralmente eram meninos contratados por onde passavam. O preço: a entrada para o circo em todas as apresentações.

Fatinha assustou-se quando o macaquinho pulou sobre seu colo, no meio do espetáculo e entregou-lhe uma flor vermelha de plástico. Ele confirmava, ela era a mulher mais bonita do espetáculo. Colocou-a enfiada nos cabelos. Salva de palmas, assobios, alguns gritos e piadinhas venenosas. Lá de baixo, o palhaço pergunta:

—Qual é o nome da senhorita?

—Maria de Fátima dos Santos.

—A senhorita foi escolhida pelo macaco Chico Tripa como a mais bela da plateia esta noite. Vai ganhar como oferta especial do *Gran Circo Internacionale Milany* uma gostosa maçã do

amor. Respeitável público, uma salva de palmas!

O circo veio abaixo em palmas e gritaria.

E o espetáculo continuou, chegando ao clímax com o número do trapézio. Aquele olhar cruzou com o dela lá de cima. Nunca tinha visto um homem tão bonito na sua vida, parecia artista de cinema.

Mr. Fly, vestido numa malha azul turquesa, ornada com lantejoulas, tendo no dorso, presa por fitilhos, uma capa leve de tule que lhe dava um aspecto de ave. Criação de Iracema. Era notável, que em meio a tanto frescor, não perdesse a sua masculinidade de anatomia ariana. Contorções, saltos, reviravoltas, e tome bateria. A arquibancada enchia-se de aplausos e gritinhos. Ali no alto, ele era um deus.

Assim que terminou sua apresentação, Vladimir trocou de roupa e foi perambular na portaria. Gostava de ser reconhecido. Às vezes ganhava um beijo de alguma morena mais atirada, e a da flor desta noite era linda.

A sessão acabou. Ficou observando a saída do público, e ela vinha no meio. Era realmente uma formosura. Na insistência do seu olhar, baixou a cabeça e virou-se de lado, não sem antes estampar um discreto sorriso. Ele não resistiu e aproximou-se. Com mesuras, elogiou a escolha do macaco. Corou. Ficaram alguns instantes trocando conversa. Nos olhos, só desejo. Fatinha lembrou-se do pai.

—Tenho que ir.

—Quero te ver mais.

—É perigoso. Não pode.

—Pode sim. Diga um lugar.

Mordeu o lábio inferior nervosa. Havia olhares voltados para os dois, apesar da companhia mantida com uma certa distância de Cidinha e Das Dores. Ela olhou para ele com olhos maliciosos:

— Depois eu mando um bilhete. — E foi se afastando.

Ainda teve tempo de ouvir.

—Vou esperar.

Naquela noite foi um sono inquieto, cheio de desejo. Sonhava com aquele homem lindo, todo azul, lhe penetrando e sempre que era chegada a hora, acordava toda molhada de suor, com o ventre contraído e dolorido, num gozo vazio. Sentia o cheiro forte daquele homem, sua respiração, sua voz, seu linguajar meio enrolado, e de novo acordava toda molhada, por dentro e por fora. Foi tanto o desejo do último sonho que mijou na cama.

No outro dia, colchão estendido no terreiro para tomar sol e ter que aguentar as brincadeiras dos irmãos. O pai já tinha ido ao mar ainda na bocada da noite, não sabia que na cidade os comentários já existiam.

Dois dias após, Vladimir recebeu o tão esperado bilhete: *Encontro você, meia noite, no velho trapiche. Beijos, Maria de Fátima.*

Estava muito escuro, o velho trapiche era um lugar desativado onde ninguém mais ia. Diziam que lá só existia assombração.

Não conversaram, o desejo era muito grande. Primeiro foram os abraços, depois os beijos, bocas, seios, a calcinha molhada e aquilo contra sua barriga, contra sua vulva, lhe penetrando, sentia como se fosse desmaiar. Um misto de dor, ardor e prazer quente nas suas entranhas. E depois, o silêncio da noite negra e envolvente quebrado pelo ruído de suas respirações.

As noites se seguiram ardentes e Fátima foi envolvida por promessas de vida à dois e da conquista do mundo por Vladimir. Já sonhava com sua vida no circo. Ser mulher de *Mr. Fly*. Em casa estava cada vez mais calada. O pai, como sentisse algo no ar, ficou cada vez mais arredio e sussurrando só com seus botões. A mãe era só desconfiança. A cidade já sabia.

Chegou a última noite de encontros fortuitos. Ele pro-

meta, iriam com o circo. Estavam deitados ouvindo o som da maré e do coqueiral, quando de repente, entrou um vulto no trapiche. Assombração? Os dois de um salto estavam em pé.

Era uma mulher.

— Vladi meu querido, vá para o trailer e me espere lá.

Mr. Fly voou murcho e calado. Não ousou olhar para trás. Não estava mais ali o herói alado que Fatinha conhecera.

— Mocinha, escute bem, eu não sei o que se passou, o que ele fez ou prometeu, posso até imaginar, mas entenda uma coisa, lugar para você no circo não tem e Vladimir é meu e precisa de mim porque criei e dei vida a *Mr. Fly*. Sem o *Gran Circo Internazionale Milany*, *Mr. Fly* não existe, ele não foi feito para pescar ou para a vida tranquila de uma cidadezinha como essa e sim para o público, o aplauso e a aventura cigana da vida circense. Você nunca entenderá, está no nosso sangue. No lugar onde estamos hoje ficará amanhã apenas o vazio. É a nossa vida. E retirou-se silenciosamente como tinha chegado.

Fatinha ficou quietinha, chorando baixinho. Tinha sido tudo tão rápido: o sonho, o desejo, o prazer e a decepção. O mundo lhe pertencera, agora estava só. Não teve forças para sair de onde estava.

Ao amanhecer, sua mãe veio buscá-la. Puxou a cabocla pela mão.

—Vamos pra casa minha filha. Que loucura que você fez. Seu pai não vai gostar nada disso, mas deixe ele comigo. Eu me resolvo com ele. E depois tudo passa.

Fatinha seguiu a mãe calada, de cabeça baixa, como um autômato.

Passaram-se os anos, Fatinha ainda gosta de ficar na janela, porém na sua face não existe mais alegria. O circo ficou-

lhe sob a forma de uma criança morena, de olhos azuis e cabelo de milho que vive a fazer piruetas nos galhos das árvores.

Não sabe ela que, pouco tempo depois, num voo impossível, em uma noite de dúvidas e lembranças, num Circo *Milany* com lotação completa, *Mr. Fly* saltou no vazio e se entregou ao ar.

18

VISITA INESPERADA

Chegou num fim de tarde. Quando parou o carro em frente de casa, eu estava na cozinha. Quase não reconheci. Tinha ficado forte com a comida do Sul. Estava mais bonito. Ficou chique, vestido numa camisa de linho, calça vincada e sapato de verniz. Falei para não reparar na bagunça, pois andava muito ocupada com umas encomendas.

Perguntou pelas coisas da cidade, como estavam indo. Respondi, que sem novidades. Perguntou pelo finado. Disse pra ele, que morreu miudinho, corroído pela danada da doença. Perguntou pelos meninos. Respondi que estavam todos trabalhando na capital, pois foi onde encontraram emprego. Perguntou como eu estava levando a vida. Disse, que do jeito que Deus queria. Ficou uma pensãozinha que ia esticando, com um biscate de um doce aqui, um bolo ali. Dava pra sobreviver.

Me disse que era a primeira vez que voltava. Eu sabia que ia ficar pouco tempo. A folga que o patrão lhe deu foi pequena, mas a saudade estava grande. Explicou que nunca retornou, porque não tinha jeito. No início passou dificuldades, mas que conseguiu vencer. Voltar, era para passar fome. Eu concordei.

Perguntou daqui, perguntou dali, só não chegou onde queria. Vi que não teve coragem. Também pudera, ela ia esperar tanto tempo sem notícia, por um homem que simplesmente sumiu sem dar sinal de vida, fugindo da responsabilidade, com a vida correndo igual vento, uma quase viúva de um quase marido vivo?

Chamei que viesse junto comigo à cozinha, para comi-

da não queimar. Sentou num tamborete, alisando com os dedos nervosos o bordado da toalha na mesa. Preparei um cafezinho bem gostoso e ficamos ali trocando umas ideias, mastigando uns biscoitos de milho que eu tinha feito.

Sobre ela não toquei no assunto. Não disse para ele que ela casou com um rapaz de fora, caiu do céu, amor à primeira vista, logo que ele partiu, para curar da saudade. Que o casamento foi bonito, lá na capital. A família do rapaz arranjou tudo, até minha roupa brilhosa de cetim e um sapato alto de festa. Todo mundo feliz. Casou grávida.

Quando anoiteceu, disse que ainda tinha um monte de lugar para passar. Olhou pelos lados, caçou pelos cantos, como se procurasse algo que tinha perdido tempos atrás. Mas não falou nada. Foi embora.

Não contei para ele, que de vez em quando ela vinha me ver. Passava um dia ou dois aqui. Só ela e o menino. Dizia que estava tudo bem, mas quando me olhava bem dentro dos olhos, largava a chorar e soluçar, cobrindo a cara com as mãos. Depois, olhos enxutos, soluço passado, dizia que o marido era um homem bom, que era muito grata a ele, que cuidava muito bem dela e do filho, mas que esquecer do primeiro amor, não conseguia esquecer não.

Fiquei o resto da noite matutando. Não sei se fiz bem, não sei se fiz mal. Mas, dizer para quê? Transformar a vida de todo mundo num inferno. Deus está vendo. Nem disse que o danadinho é a cara dele. Tá doida!

19

O TROCO

Desceu do ônibus e saiu andando naturalmente por vários quarteirões. Estava elegantemente vestido com blazer e camisa branca sem gravata. Na face, usava uns óculos escuros, desses comuns às pessoas que seguem a moda. Tinha tudo gravado em sua mente. Já tinha realizado na sua vida várias vezes esse ritual. Era um bairro de classe média alta, com ruas bem pavimentadas em alamedas arborizadas e casas de andar, com jardins bem cuidados. Era o início de uma tarde ensolarada, quando naturalmente nesses bairros as ruas se aquietam. Parou em frente a uma casa e sem hesitar abriu o portão atravessando uma passarela ornada com bordadura de flores, chegando a uma porta solene de madeira maciça. Tocou a campainha. Uma criança veio atender. Perguntou pelo nome do dono. A criança de imediato saiu correndo e gritando: “titio tem um homem ai na frente querendo falar com você”. Aguardou alguns minutos, quando apareceu na porta um homem de meia idade, de boa aparência, com aspecto de recém saído do banho.

Cumprimentaram-se com saudação respeitosa, quando lhe foi perguntado o motivo da visita. Respondeu de forma pausada e nível de voz baixo: “mandaram trazer o seu troco”.

O outro arregalou os olhos, procurando entender. Por um pequeno espaço de tempo lembrou de um acordo não cumprido, uma dívida não paga, uma fuga no meio da noite, uma jornada para bem distante de onde vivia. A troca de identidade, a mudança da aparência física, um novo amor, uma nova família, uma nova vida, filhos e futuro. O relaxamento da guarda com o passar dos meses, até ter a certeza que fora esquecido,

que jamais seria alcançado.

Não lhe dando tempo para qualquer reação, o visitante puxou das costas uma pistola guarnecida com silenciador e atirou à queima roupa, uma saraivada de estampidos surdos e secos, atingindo em cheio no peito e abdome.

Aguardou o corpo convulsivo cair no chão e depois ficar inerte formando uma poça de sangue ao redor. Deixou a arma cair, escorregando entre seus dedos enluvados. A cena não lhe fez mostrar na face qualquer sinal de inquietação. Lá dentro, viu a silhueta de uma jovem gestante se aproximar e começar a urrar, com as mãos apertadas na cabeça.

Deu as costas e saiu andando a passos largos, mas sem demonstrar nervosismo. Alguns vizinhos começaram a aparecer na frente de suas moradas, perscrutando as razões da gritaria naquele ambiente burguês de recato e silêncio. Afastou-se do local caminhando, ziguezagueando os quarteirões o máximo que pôde para não levantar qualquer suspeita. Quando já ia bem afastado, ouviu o ruído intermitente de uma sirene distante. Chegou a um ponto de ônibus, acenou para o primeiro que passou. Tudo tinha sido metodicamente ensaiado. Pegou mais alguns ônibus naquele dia, se distanciando cada vez mais. Mais uma vez, sumiu no mundo.

20

CACHORRO DE MADAME

Ela perguntava porque tanto amor por um cachorro feio, pé duro.

— A cara da pobreza – dizia.

Ele respondia:

— Cale sua boca, senão corto sua língua e quebro seus dentes, sua puta fuleira. Esse aqui me conhece desde que eu era um pivete preto safado, lascado da vida, levando e trazendo recado e carregando papelote morro abaixo e morro acima. — E fazia carinho na minha cabeça. Eu feliz, devolvia um olhar de pobrezinho feliz, abanando meu rabo.

Já quando ele estava virado, com raiva, eu já sentia de longe que a merda ia feder e saía de fininho para baixo de algum móvel ou qualquer obstáculo no caminho entre ele e eu, que me protegesse. Quem tem rabo tem medo.

Com ela era pior, realmente ela não gostava de mim e mostrava de todas as maneiras seu nojo pelo quatro patas aqui. Sempre que eu me aproximava, ela fazia caretas com nojo e me enxotava, “xô, fora daqui”. Eu metia meu rabinho entre as pernas e caía fora. Aquela megera seria capaz de tudo. Tá louco?

Teve um dia que ela se aprontou toda para ir à praia com umas amigas. Um shortinho bem pequenininho e um biquíni menor ainda.

Ele foi logo impedindo.

—Com essa roupa não vai não.

Ela enfrentou balançando a bunda ameaçadora.

—Quem não vai?

—Você, sua vadia.

—É você que vai me impedir?

Deu-lhe um murro na cara, que quebrou todos os dentes da frente.

Ela correu gritando desesperada.

—Tá vendo o que você fez? Seu desgraçado – o sangue escorrendo pelos cantos da boca e a voz empapada de gosma. Teve que ir para o pronto socorro. Reapareceu uma semana depois de cara ainda inchada e de perereca. Uns dentinhos pequenos, bonitinhos com a gengiva bem rosinha.

Foi logo pedindo com jeito de menor abandonada.

—Quero fazer um implante dentário, Mô.

Ele sem dar importância, nem olhou para ela.

—Implante a gente vê depois. Agora não. Tá gostoso assim, pra chupar meu pau é só tirar essa porra.

Se fez de durona.

—Qualquer dia desses vou na delegacia conto tudo que sei e te ferro até na Maria da Penha.

Ele deu um salto para cima dela e apertou seu pescoço

—Aqui em cima não tem porra de Maria da Penha. A lei aqui é do chumbo grosso no rabo de quem fala merda.

Quando largou ela começou a chorar e ficou passando a mão no pescoço e tossindo.

—Tá vendo, é assim que você trata quem te ama tanto.

Ontem a polícia deu uma botada no morro atirando em todo mundo, invadindo os barracos atrás dele. Demorou, mas acharam. O cara virou uma peneira. Disseram que resistiu à ordem de prisão. Resistiu nada. Eu estava lá. O que tinha de arma. O barraco parecia um paiol.

Estão dizendo na boca miúda que alcaguetaram o mandro. Alguém falou que foi vingança dela. Que ainda por cima se mandou para o bando rival.

Por aqui, ninguém sabe ninguém viu.

Quanto a mim, já peguei minhas trouxas e cai fora. Vi-rei um vira-latas de madame abandonado.

21

BEM COMPORTADINHO

Ontem no final do dia, meu pai trouxe. Puseram na estante e disseram “um aquário para o gatinho do papai”. Bati palminhas de alegria. Vermelhinho, não parava de se mexer, para lá e para cá, parecendo um carrinho, desses que minha mãe solta no chão para eu brincar. Colocaram-me no colo. Botei o dedinho. Minha mãe disse que não, não podia. Fiquei olhando, encantado. Bem mais bonitinho do que o que eu brinco na minha banheirinha na hora do banho e que faz “foom! foom!”.

Estou de frente para a televisão e para ele. Minha mãe saiu e disse para eu ficar “bem comportadinho”. Na televisão passa um desenho animado. Tédio. Acho ele mais animadinho. Ai que vontade de brincar. A babá dorme. Puxo uma cadeira, caladinho, com cuidado, e grudo meu rosto no vidro, gostoso, tudo muito colorido e muito turvo. Que prazer. Lá dentro ele. Não para de se mover nem um minutinho por entre as plantinhas verdes que parecem dançar.

Fiquei um bocadão de tempo ali, olhando, até que ele ficou quietinho. Meti a mão dentro daquela água friinha e num movimento rápido estava com ele entre meus dedinhos. Agora dava para ver melhor, os olhos grandes, brilhantes, só que na minha mão parecia meio murchinho. Apertei a barriguinha mas não fez “foom, foom”. Apenas mexia, que sensação gostosa. Sentei no sofá e coloquei o danadinho ao meu lado para assistir televisão. Pareceu gostar, pois deu uns saltinhos. Com o tempo foi ficando quietinho, cada vez mais quietinho e agora está ali parado, olhando para mim, como minha mãe diz: “bem comportadinho”.

22

FORA DA ZONA DE CONFORTO

Se tivesse desafiado o que seus pais esperavam dele, quando pensou em abandonar a escola e ser artista plástico – adorava pintar. Foi proibido de sequer pensar nessa hipótese, “enquanto brincadeira, diletantismo, porralouquice passageira pode, como profissão, carreira, vida, nem pensar”.

Sem perceber foi levado docemente pela corrente – “*mainstream*” – e assim viveu para o que os amigos esperavam dele, o que a sociedade esperava dele, o que sua mulher esperava, o que seus filhos esperavam, a vida teria sido bem diferente da maneira como foi gradativamente se envolvendo naquilo que os outros queriam.

Um homem bem sucedido, que falava fluentemente cinco línguas. Representante da fina flor da sociedade, o menino de ouro, que expandiu o conglomerado de empresas que herdou do pai. Comandante de milhares de vidas.

Nunca fumou, nunca bebeu (apenas socialmente). Foi sempre reto, tecnicamente perfeito, retilíneo e sem graça. Falso. Um homem com invólucro falso.

Casou-se para unir riquezas, com uma mulher chique e sem graça. Uma jovem fútil e esnobe. Tiveram filhos, criados em redomas, longe do burburinho e da realidade da vida além dos portões da mansão em que moravam.

Com o tempo, sua mulher, além de chata, foi ficando feia, optando pela falsa paralização da sua imagem. E assim foi costurada, enxertada e complementada com preenchimentos. Cristalizada pelo botox, que lhe deu uma expressão de boneco de ventríloquo. Sua face foi transformada numa máscara

de teatro Kabuki.

Sua amante (sim, porque todos tem uma amante e todos sabem que tem uma amante frívola e exigente) gradativamente foi se enchendo de empoderamentos em sua vida. Competindo com a esposa, ameaçando escândalos (e fazendo alguns) em troca de pequenos e às vezes grandes caprichos.

Seus filhos, infantis e mentecaptos, incapazes de se lançarem no mundo, exigindo o colinho da mamãe e o cofrinho de papai. Avessos ao trabalho e ao destino das empresas.

As reuniões semanais do Rotary, da Maçonaria e seus salamaleques. Todos muito sérios e circunspectos, preocupados em ajudar o próximo, desde que não lhes tirassem da sua área de conforto.

As festas, os aniversários, as homenagens, medalhas e condecorações, para agradecer emocionado e chegar em casa e olhar que não era bem aquilo o que queria, porque tudo tinha um aspecto lamê, um quê de falsidade e inveja dos que eram iguais.

Mergulhado nessas lembranças e pensamentos, os sonhos lhe invadiram: Devia ter crescido o cabelo, gazeado aulas, experimentado o falso e efêmero prazer de uma carga de *cannabis* em seus miolos, embarcado naquele cargueiro e ido até Blangadesh, atravessado desertos, assistido George Harrison, Ravi Shankar. Ter comprado uma motocicleta e descido até a Patagônia – a solidão da Patagônia, ido lá no extremo da nossa América e receber na face as lufadas dos ventos revoltos do estreito de Magalhães. Atravessado os Andes, Machu Picchu. Tantas viagens e tantas sensações perdidas. Pensou em construir um veleiro – Aleixo Belov construiu um no fundo do seu quintal em Salvador, na Bahia, e se jogou sozinho para dar a volta ao mundo –, não conseguiu sair do sonho. Não teve coragem. Nem comentou. Do caminho de Santiago passou ao largo, membro de um grupo seleta de excursionistas. Apenas observou os peregrinos cansados e felizes passando. Jurou para si mesmo

que em breve voltaria para fazer o percurso completo. Nunca retornou. Restou no final um imenso vazio existencial.

Tirou do bolso uma página dobrada de um velho jornal, havia uma foto, nela estavam estampados seus filhos, com cara de desesperados, portando uma foto sua na mão, pedindo notícias, implorando a sua volta, rogando piedade aos sequestradores. Acima, em letras garrafais “empresário desaparecido, suspeita de sequestro”. Se alguém tivesse notícias, ligasse para a polícia, seria resguardado sigilo.

Era um desaparecido. Sorriu, “Onde estará Wally?”. Sabia que depois desse frenesi inicial logo seria esquecido – “*All things must pass*”. A essa altura todos os herdeiros digladiantes já deveriam ter constituído advogados, corrido aos cartórios e fóruns na disputa, com unhas e dentes, pela divisão dos bens.

Após um ano sua barba e cabelo tinham crescido bastante, ambos propositalmente mal cuidados. Vagava sem compromisso pela cidade luz. Alguém verdadeiro portando documentos falsos, brincando com a vida, flanando pelo mundo. Sobrevivia da venda de aquarelas pintadas, que refletiam ângulos e cenários da cidade, com seus moradores, seus cães, suas árvores, pagas por turistas abordados nos diversos cafés. Dormia às vezes em abrigos públicos, onde tomava uma sopa bem quentinha.

Olhou as estrelas lá em cima, belas, silenciosas e assépticas. Aqui embaixo uma realidade diferente. Estava cercado de mendigos, ratos e baratas. O odor nauseabundo em volta, os restos de comida. Apesar de estar fora da zona de conforto, sentia-se livre e dono da sua vida.

Da posição em que estava dava para ver a Torre Eiffel. Nunca tinha visto desse ângulo. Puxou a manta e dormiu, sorrindo, amanhã nasceria mais um retrato do mundo que tanto amava. Na próxima semana, talvez, irá para a Itália.

23

INCIDENTE NA PRAÇA DA MATRIZ

Para vocês que não me conhecem, sou médico há 50 anos e professor aposentado com 40 anos de magistratura na Faculdade de Ciências Médicas na cadeira de Gastreenterologia. Tenho consultório ali, em frente à Praça da Matriz, sendo pessoa já conhecida de todos os antigos comerciantes das redondezas, assim como dessa menina que vive de pequenos roubos e assaltos, em tão movimentada e folclórica área da nossa cidade. Nunca fui incomodado, graças a Deus. Pois é. Outro dia vinha chegando para o trabalho, quando num piscar de olhos, senti a minha pasta sendo puxada com um safanão violento, dado por um garoto magrinho e muito ágil, possivelmente novato naquela área, pois nunca o tinha visto agindo ali.

Quando sentiu a resistência do meu braço, talvez por esperar algo mais fraco dada minha aparência grisalha e frágil, ficou gritando: “solta, seu velho filho da puta!”.

Dei-lhe uma apertada no braço que estava livre e puxei-o para mim. Imediatamente, com a outra mão, largou a pasta, que caiu aberta no chão e retirou de um lugar no calção, uma navalha.

Desconhecia o pequeno delinquente, a minha maestria na arte do Jiu-Jitsu, faixa preta que com muito orgulho decora a parede do meu escritório, em casa. Num só golpe, tomei-lhe a navalha e o imobilizei. A minha pasta tinha despejado todo seu conteúdo na calçada. Tudo isso ante o olhar dos transeuntes que por displicência, medo ou egoísmo, não partiram para ajudar um ou outro na contenda.

De longe seus amigos gritavam: “cai fora, Zé Brugelo!”.

No meio do conteúdo derrubado, estava um vidro de *FECOLAX*, potente indutor do peristaltismo intestinal, eficiente droga para os mais diversos tipos de prisão de ventre, sendo necessário apenas algumas gotinhas para as alças intestinais entrarem em frenética dança.

Foi isso mesmo. Com olhar de velhinho perverso, puxei rapidamente o frasco daquele útil veneno para perto de mim. Contive as esperneadas que o agora impotente bruguelinho dava. E com a cara de sádico enfiei-lhe boa quantidade do líquido amarelinho goela adentro, tirando o meu rosto do caminho para não levar uma boa cusparada do infeliz, que a essa hora não tinha mais forças para gritar nem filho da puta.

Soltei o pivete. Sumiu com o vento. Ao longe, os outros parceiros confabulavam, apontando para mim. Juro que naquele momento tive medo de estar sendo condenado à morte. Recolhi meus pertences e fui apreensivo para a labuta.

Já tinha decorrido uma semana. Minha passagem pela praça tornou-se mais cautelosa. Porém, um belo dia avistei o moleque ao longe. Olhava para mim meio de lado e com cara de raiva. Do outro lado, outras crianças e adolescentes gritavam: “Zé Cagão! Zé Cagão! Zé Cagão!”.

No que respondia, olhando em minha direção, “é a mãe, FILHO DA PUTA!”.

24

QUERO VOLTAR PARA CASA

Quero voltar para casa, mas ninguém quer me levar. São todos maus.

Uma fugidinha. Sou uma menina peralta. Abro o portão e... rua. Minha casa é logo ali. Um passinho, outro passinho, ninguém viu. É logo ali pertinho. Um pulinho só. Ninguém me entende. Quero minha mãe. Mãe! Mãe! Cadê você? Não consigo te encontrar. Acho que ali, depois daquela esquina. “Tenha cuidado com os carros minha filha, olhe para os lados antes de atravessar a rua. Não pode atravessar a rua sozinha. Espere por um adulto”.

Para chegar em casa eu dobro aqui, depois ali, num pulinho só. Estou com saudade da minha casa, das bonecas, minhas bonecas de pano que a vovó fez para mim. É logo ali, eu sei que é logo ali. Tem um pé de árvore grande com fruta gostosa e um balanço. O pai fez para mim um balanço e me empurra, cada vez mais forte e eu sinto o vento e o susto na respiração. Tem fruta boa, rosa, amarela, melada, a cara melada, os dedos melados, grudando. “Vai, minha menina, vai, corre, vai tomar banho, menina levada”. E dou gargalhadas gostosas com sabor de fruta.

Ai que angústia de não saber encontrar o caminho de volta para minha casa. Onde está a minha casa? Lá onde estão todos, o meu quintal, minha boneca, o balanço, a árvore.

Como é ruim olhar, buscar o significado do que vejo e não saber o que é. Tudo fica de repente nublado e se fecha como na neblina. Uma neblina em volta do meu ser. No fundo do meu baú só existe um vazio, escuro e imenso.

Rua, barulho; carros, barulho; gente, barulho; um grito “vai ser atropelada”, pessoas param ao me ver passar, a fujona, alguém reclama “sai da frente velha filha da puta”, Velha? É comigo?

Em que estou pensando mesmo? Ah! Esqueci. É melhor chegar logo na minha casa. Mas por onde mesmo?

Todos me fazem perguntas, tantas perguntas que me cansam. Como cansa pensar e lembrar das coisas. Ufa! Estou cansada. Vou sentar um pouquinho aqui. É uma praça, uma praça grande, no caminho da minha casa. Uma angústia silenciosa me invade. Quem é essa moça que se aproxima e me abraça, e me chama de mãe? Mãe?

Seus olhos tem um significado. Sig-ni-fi-ca-do. Significam o quê? Olhos, olhos que me olham e ficam molhados e ela encosta sua boca em minha face.

A bebê está chorando "dorme nenê do meu coração, dorme nenê que a cuca vem pegar" deixe mamãe enxugar suas lágrimas. "Nana nenê, nana nenê". Vestido lindo da nenê. Quero um igual para mim. A nenê é tão bonita.

Quero voltar para casa, lá tem fruta boa, mas estou tão cansada. Depois vou brincar, pular amarelinha, pular, pular, pular até chegar ao céu.

Encontrou a mãe sentada em um banco da praça, sorrindo, olhando para um ponto distante, indefinido, inalcançável. Sentou-se ao seu lado aliviada. Não deu uma palavra.

Ela diz: "mãezinha vou te levar de volta para casa" e me estende a mão, me puxa e me levanta do banco, sigo obediente. Ela me levará para casa. Paramos à frente de uma casa, ela diz: "entre" paro e resisto, “mas essa não é a minha casa”. E bato o pé malcriada no chão. Ela explica: "amanhã eu vou te levar para sua casa" e me abraça, um abraço gostoso. Eu digo que sim com a cabeça e fungo aliviada. E peço água. Estou com uma sede danada.

25

COMADRE SEBASTIANA

Tudo começou quando encontrei comadre Sebastiana na feira, num desses sábados que se sai de casa só para matar as tristezas e as saudades que o tempo vai acumulando dentro da gente, principalmente quando se é só. Nunca mais tinha visto aquela mulher. O mundo dá muitas voltas e no caso da comadre, deu voltas pra melhor. Pegou umas carnes, ficou mais redonda, para lá de cinco arrobas.

Aliás, foi ela que me viu primeiro e gritou pelas minhas costas

—Compadre!

Tomei um susto.

—Virgem comadre. Quanto tempo que não te vejo mulher. Não envelhece nunca.

—É nada, compadre. Você é que está bonito e com uma cara saudável, parecendo um bacorinho.

E demos um baita de um abraço, apertado, gostoso.

Logo perguntei:

—E o compadre?

Ela colocou as mãos nos quartos.

—Soube não?

—De quê?

—Está aleijado, de cadeira de rodas. Virou menino de fralda e tudo. Ainda por cima doido.

Franzi o cenho mostrando cara de preocupação.

—Qué que houve?

—Um tiro, compadre. Briga por causa de mulher. Acertaram na cabeça. Voou miolo pra todo lado, mas o bicho é coisa ruim,

braba e não morreu. O filho d'uma égua estava num boteco cheio de putas, pagando bebida pras cachorras, enquanto eu em casa lavando roupa pra fora, pra ajudar no pagamento das contas. Agora só me dá trabalho.

Perguntei:

—E a minha afilhada? Não ajuda não?

—Quê ajudar compadre. Fugiu com um caminhoneiro. Depois me mandou uma carta de São Paulo. Nunca voltou e nunca mais me deu notícia. Uma ingrata.

— Que pena, comadre — suspirei fundo e senti um arrepio que subiu no corpo todo, para mudar logo de assunto emendei

— Uma notícia dessa, só tomando um gole pra espairecer. Tá convidada.

—Boa ideia compadre, preciso.

Não é que ela aceitou. Fomos para uma bodeguinha próxima, de um conhecido nosso de velhos tempos.

A cachaça solta a língua. Depois de umas talagadas, ouvindo os queixumes de mulher tão carente e infeliz, com o sangue esquentando nas tripas e nas veias, joguei no supetão uma dúvida.

—Desculpe a intromissão comadre, e ele não trepa não?

Ela fazendo um gesto com o dedo indicador dobrado, respondeu:

—Qui! A pinta dele é mole, mole.

Rebati:

—Mas dizem por aí, que todo doido é tarado, que não pode ver mulher que agarra igual cachorro nas pernas da primeira dona.

—Ele não, compadre. Ficou brocha. É a cruz que tenho que carregar. O pior é que a gente já não vinha bem. Eu já vinha pensando em separar.

—E não pode largar não?

—Largar como? E a pensão? Ai paro de receber – e começou a chorar sincera – sou uma infeliz, abandonada nesse mundo.

Fui me aproximando devagarzinho e quando vi que não, a comadre já estava nos meus braços ganhando um carinhosinho, um cheirinho ali, outro acolá.

Tomei coragem e disse:

—Sempre tive um rabicho preso em você, mas você já tinha dono. Que fazer?

Ela me olhou aconchegada.

—E eu não? Esses anos todos nunca esqueci daquela flor que você comprou pra mim no reisado. Mas o destino. Destino se muda? Sei não. — E mudando de assunto, pois se lembrou — Compadre tenho que ir porque já está tarde. Deixei uma vizinha de olho no desgraçado.

Me ofereci:

—Eu te acompanho — já me sentindo meio dono do pedaço.

Chegando na casa, entrei para ver o compadre. Um traste magrinho, todo torto, com um talho fechado que atravessava a cabeça e a cara. Bicho feio. Ficou urrando, se balançando e olhando para mim, esbugalhado.

Ela apontando, com ar de entendida.

—Eu não disse?

Quando vi, já estava deitado no sofá, a Sebastiana por cima de mim, abrindo meu cinto, desabotoando minha bragui-lha, sutiã prum lado, calcinha pro outro.

Olhei pro lado e falei assustado:

—O filho duma égua tá olhando pra mim e uivando. É coisa do demo.

Ela sem parar:

—Num dê importância, se não é você que não vai conseguir fazer o serviço. Chega homem, bote essa coisa pra ficar dura direito e mete na sua Sebastiana que tá necessitada.

Eu falei de novo:

—Está olhando pra mim.

Ela já meio com raiva:

—Faça de conta que esse infeliz não existe. Mete, vá.
Desisti.

—Não dá, não consigo.

Ela se levantou raivosa

—Ai tá danado! Só matando essa peste!

Não sei que diabo se apossou de mim. Obedeci à ordem dada. Fui no quintal, peguei um porrete, entrei de volta, fui direitinho pra cima dele e rumei uma porretada na sua cabeça. Ele deu dois coices e caiu de lado estatelado. Sangrou, grasnou e se borrou todo. Puxei Sebastiana para mim, levei pro quarto, joguei a égua na cama e transamos uma, duas, três vezes. Atravessamos a noite na safadagem.

No outro dia, já senhor da situação e do lugar, fui dando as ordens:

—Vá limpar a sujeira que o compadre fez e não se preocupe que enquanto você limpa, eu dou um jeito no presunto.

Cavei um buraco bem fundo no quintal e enterrei o pacote, bati com a pá a terra, bem batidinha.

Aos curiosos que perguntaram pelo compadre respondemos sempre a mesma ladainha treinada e ensaiada, “internado na cidade grande, para o bem dele mesmo”.

Depois de um tempo cresceram umas plantinhas por cima da cova e brotaram flores. Dava gosto de ver.

Eu e a comadre? Estamos vivendo felizes. Acho que para sempre.

26

O PARCEIRO

Desde que tinha herdado aquele pedaço de terra, era sua rotina semanal ter que, na maioria das vezes aos sábados, rumar para sua fazenda, distante a quilômetros da capital, para manter viva a paixão do seu finado pai, que lhe pedira no leito de morte, para não deixar se acabar e nunca vender aquela que tinha sido o sustento de toda família.

Era comum ir sozinho, não era programa que apetecesse a sua mulher, urbana, que nunca gostou muito dessa história de fazenda, com bichos de todo tipo a lhe atazanar a beleza cara, construída a base de cremes e bisturis, e aos filhos, jovens modernos, que só forçosamente, uma vez ou outra, aceitavam seguir o pai.

Ir lhe exigia sacrifícios, mas com o tempo acabou despertando um pedacinho de si para aquela vida, tinha sido afastado logo em criança, para seguir os estudos na cidade grande. Agora, casado, família criada, por força do destino, abraçava um pouco a vida rural. Contratou vaqueiro novo. Cabra calado, bom na labuta, casado com uma cabocla bonita, dos olhos redondos, de cabelos lisos de índia, ancas fartas, formas lapidadas na vida junto a terra, que lhe dava na sua rusticidade uma beleza ímpar. Impossível não olhar.

Aos sábados pela manhã, corria os pastos com o vaqueiro para anotar aquilo que era necessário refazer, consertar, comprar, assim como os progressos, que não tardaram a aparecer, porque o cabra era bom.

Passou a gostar cada vez mais, pois eram nesses momentos, quando cavalgava pela campina, que fluíam livremente em sua cabeça as resoluções empacadas pelo mundo corrido e

barulhento da cidade. Dormia uma noite solitária, mas aconchegante, no silêncio do mato, rompido aqui e ali por um mugido, um coaxar, um rasgar ou um grunhido dos animais ao redor.

Particularmente lhe agradava o almoço do sábado, quando lhe era servido uma galinha de capoeira feita guisada e comida com feijão temperado e arroz soltinho feitos pela mulher do vaqueiro. No remelexo das curvas por baixo do vestido de chita lhe trazia um a um os pratos da cozinha, provocante. Parece até que estava adivinhando o desejo que a cada dia aumentava, queimando a carne e o juízo do patrão.

Do tratamento respeitoso, passaram para os olhares sonoros cruzados, não faltando discretos elogios, salpicados nas entrelinhas. Depois vieram certas intimidades trocadas e confesadas, que após algumas insistências, desaguaram em discretos presentes e favores trazidos da cidade. Não resistiram à sedução, já sendo a safadeza, coisa certinha para as tardes de sábado.

Ao vaqueiro era sempre dada alguma missão, para ir no povoado mais próximo comprar os farelos e outros itens agrícolas, requeridos na inspeção do sábado pela manhã. Requerimentos esses, que passaram a ser prontamente aprovados pelo patrão, que ansiava desde o início da semana pelas tardes de sábado na fazenda.

Certo dia, ao chegar na fazenda encontrou o vaqueiro cabisbaixo, macambúzio. O que era seriedade virou cara de enterro. Perguntou, desconfiado, se estava tudo bem. Recebeu de volta um lacônico “tudo bem”.

No outro dia de manhã, correu os pastos e o homem não desembuchava. Insistiu mais uma vez: “conta homem, desafoga, bota pra fora que eu nunca te vi assim”.

O outro tristonho, mão na peixeira, olhar voltado para o chão, desembuchou: “Doutor, o senhor pensa que ela só transita com a gente? Eu descobri que ela tá saindo com outro e eu vou ter que matar o cabra safado. Só tô esperando sua autorização”.

27

O PADRINHO

Chegou numa manhã de chuva, perguntando se tinha serviço. Topava tudo, pois estava com fome e há dias sem comer direito, só toco de pão velho e fruta catada no mato.

Vinha só. Disse que tinha deixado mulher e filhos lá pros lados dos confins de Judas, sertão brabo, seca de ficar só talo das coisas. Veio só porque não tinha como arrastar uma pinguelada de preá pelo meio do mundo. Sozinho ia se virar melhor. Depois era outra história, trazia tudo prá debaixo do seu sovaco.

Olhou desconfiado para o caboclo, mas estava precisando de uma ajuda para roçar a terra. Fechou acordo.

O retirante trabalhou o fim do verão e o inverno todo. Era um bicho para pegar no trampo. Com o dinheiro, comprou roupa nova, par de botina para usar no domingo, cigarro de palha no bico, chapéu de palha novinho, não comprou de feltro, pois era muito caro. Cortou os cabelos, fez a barba, comprou uma loção.

A mulher puxou um rabicho de olho para ele. E não é que ficou um cabra bonito do cabrunco. Deixou o homem nu só com o olhar. Lascou-lhe a pergunta: “E seu povo, nunca vem?” “Breve vou buscar. O patrão já arranjou um casebrinho lá adiante, disse que posso ocupar, mas ainda tá cedo”. E respirou fundo, no que a outra também. Ela conselheira, “home não pode ficar só, faz mal pro coração”. Ele deu uma tragada mais forte e olhou pro teto com cara de sonhador.

Não demorou muito, num instantinho, já estavam os três na base do cumpade pra cá, cumpade pra lá. Comia lá

mesmo. Fez acerto. Repassava todo mês o da comida para o casal. Ficou morando num quartinho no fundo da casa. O patrão aprovou.

As visitas, as conversas, as intimidades foram ficando mais frequentes, os laços mais fortes, nunca se negou na ajuda, era para bater um milho, arrancar umas manibas, esticar o pescoço de uma galinha, tava sempre lá, pau para toda obra, coisa mais bonita, caboclo forte, sarado, dentadura perfeita, saúde de ferro.

Um dia caiu de cama gripado, quase uma pneumonia. A mulher cuidou direitinho. Mastruz com leite quentinho, mel, canja de galinha e uns seios fartos, que foram se encostando, se encostando, até se acomodar.

O marido saía cedo e coçava a cabeça preocupado. “Êita doencinha braba é gripe, o home tem que ficar bom, logo agora, tava precisando tanto dele, que falta que o danado faz”.

Ele com aqueles olhinhos miúdos, de gente que está com febre, se encolhia na cama, enroladinho no cobre-corno. Entre uma tossida e outra, mão no peito. “Cumpade, se quiser, troco de roupa e vou agora pro pasto, dá práguentar”. O outro em tom de sabedor, “não cumpade é loucura. Pior é a recaída. Tá doido! Tem que voltar curado, que trabalho é o que não falta pra nós”.

A porta batia atrás das botas do cumpade e a safadeza comia no centro até dia alto no capim do colchão. Nunca tinha amansado uma égua daquela. Filha duma mãe dos quarto quente.

Se recuperou. Voltou pro pasto, pro trabalho. Era outro homem. Deus tira dum lado, mas sempre põe do outro.

A comadre toda feliz, andava sirigaita pela casa, tinha serviço de cama completo, da manhã, de tarde e de noite, sempre que podia e o compadre dava uma saída. Bicha safada. Tinha emprenhado. Ia chegar o primeiro. O marido era só mimo. Há muito tempo que tentava e não conseguia. Dizia para o

retirante: “home até nisso você deu sorte pra gente”.

Foi ficando cada dia mais pesada. As cólicas chegaram numa madrugada. O marido teve que sair correndo atrás da parteira, enquanto o outro ficava lá na vigia. Nasceu fácil, sem muito esforço. A danada era cabocla grande, suportou bem o empurrar e o puxar da natureza. O moleque chorou forte, ficou vermelho e deu uma mijada nos peitos da parteira.

Os compadres eram só alegria. Choro novo na casa. Cheiro de talquinho de criança misturado com cocô amarelo azedado, não tem combinação mais conhecida. No varal uma ruma de fraldas penduradas, mostrando para o mundo que ali tinha novidade.

No domingo teve a meladinha, veio um monte de gente da redondeza. Mataram uma criação, umas galinhas e beberam até se fartar. Ela para cima e para baixo com o bruguelo nos braços, enrolado num monte de panos para o vento ruim não passar, descobria só a carinha de fuinha, quando um e outro queria ver.

No final da festa, povo todo já despachado, mãe e criança recolhidos, ficaram os dois ali no sereno dando uma pitada no cigarrinho de milho. O marido coçou a barba rala, botou a mão no ombro do outro, pinçando forte com os dedos secos da labuta na terra, puxando o cabra para perto, olhou bem profundo, encarando sério e lascou a novidade, que o padrinho era ele pra fechar a aliança. O convite bateu fundo na consciência e o retirante logo negou com a cabeça. “Não cumpade, ainda não é hora de um convite desses. Tu é besta home? Nem me conhece direito?” O outro riu, ajeitou os cabelos pra trás, fez pose de gente sabida e conhecedor da vida e confidenciou: “Mas como pode o cumpade se negar a uma coisa dessa? O menino é a sua cara home!”

28

ASSOPRANDO O ALPISTE

Ficou ali, de cócoras, assoprando o alpiste e relembrando o dia em que a conheceu. Era uma dessas noites de verão com muito mormaço, em que não se consegue ir para a cama cedo. Gostava de andar pela cidade à noite, observando as ruas e as pessoas, relembrando o tempo em que se colocavam cadeiras nas calçadas e as conversas iam até o adiantado da noite.

O corpo era miúdo. Estava vestida numa dessas roupas vistosas de tecido barato, imitando de maneira grotesca o último lançamento de algum país estrangeiro. O vestido era curto e bem decotado, fazendo as formas das carnes sobressaltarem aos olhos do freguês. De resto, era o colar, as pulseiras, os anéis e os lábios manchados de batom. Tudo vistoso e da mais pura fantasia.

Ficaram nos olhares e sorrisos discretos por minutos sem fim, até que, com o ar meio tímido e sem jeito, de quem está a pouco tempo na “vida”, aproximou-se da sua mesa.

—Posso sentar? O senhor me dá licença?

—Tem toda.

—De onde apareceu a princesa?

—Não sou daqui não. Venho de longe, do interior. Paga um guaraná?

—Mas é claro, paixão. Qual é a sua graça?

—Meu nome é Shirley.

—É... bonito nome, princesa.

Sabia que aquele não era o seu nome, mas não convinha no momento, entrar em detalhes de identificação.

—O senhor é tão simpático, tem cara de homem educado. Por isso me aproximei.

—Que bom, princesa! Já estou adorando a sua companhia.

—Tô doida para deitar, mas ainda não fiz nada hoje, desse jeito amanhã não tenho café.

—Terá sim, princesa.

E seus olhos brilharam na luz rubra do bordel. Rubros eram seus lábios, o vestido, a noite e a paixão que nascia.

Foi tudo muito rápido depois daquela primeira noite. Os encontros foram diários, sempre coroados com todas as juras de amor. Depois vieram os presentes: os vestidos, as calcinhas (exigia-as provocantes), o perfume francês. Tudo emanava sensualidade: os decotes, os odores, seu ventre rijo num corpo de carnes duras que lhe dava um prazer infantil de apertá-lo com o poder e o mimo de que tudo aquilo era seu, comprado com dinheiro e desejo.

Os passeios de carro à beira mar, as juras de amor. No rádio algum bolero apaixonado ou tango fatal. A brisa gostosa assanhando os cabelos. As bolinações, os beijos intermináveis. Aquele jeito de criança carente. “Painho, eu quero um sorvete.” E lá ia ela de mãos dadas com aquele homem que pouco conhecia, mas que resolvera lhe “adotar” e que agora a fitava com cara de gozo, transferindo o prazer do sorvete de morango para o meio de suas calças.

Quando foi buscá-la no bordel, era de manhã, todos estavam sorridentes. A dona tinha vendido os direitos da sobrinha com todos os centavos. As colegas teriam a partir dali mais uma história para contar à freguesia.

Naquela manhã, o prostíbulo era só movimento. Ela apareceu no salão tomada banho, os cabelos molhados, o corpo fresco exalando um perfume gostoso no ar. Estava tão linda, como nunca fora. Numa mão uma mala de papelão, dessas pequenas que são vendidas em qualquer feira, na outra, uma

boneca de pano.

A casa logo virou só alegria. Brilhavam o chão, os móveis e as panelas na cozinha. O jardim bem cuidado, sempre exalando o perfume das rosas, dos lírios e dos jasmims. E todas as manhãs, o cheiro gordo da carne frita na panela e doce fervendo no tacho. No rádio sempre tocando alguma música animada, acompanhado sempre por ela e pelos passarinhos. Como ela gostava deles, naquela profusão de silvos, dobrados, trinados, naquela confusão de cantos e cores. Meses encantadores foram aqueles, não existia homem mais feliz, não existia mulher mais pura.

Um dia ao entrar em casa, foi-lhe anunciada a novidade, ela era só dengo e alegria, o teste dera positivo e não havia possibilidade de erro, a menstruação já não vinha há dois meses. Ficou lívido, não deu uma palavra, apenas a sensação dos cornos a lhes pesarem na cabeça, com muita dor, sem remédio que desse jeito. Sempre tivera receio da chegada daquele dia, nunca lhe contou, ela não entenderia. A sua solidão todos esses anos, era o recalque de uma sequela de caxumba que teve na adolescência, desceu. Depois de alguns anos, médico particular, exame na mão, momento difícil. O senhor não pode gerar filhos e milagres não acontecem para a ciência. Passou a ser só com seus passarinhos.

Lembrou a última noite, o amor com raiva contida, carinho pesado, confundido com prazer, o suor frio a lhe subir pela coluna quando ela sussurrou no seu ouvido: “vem meu dono, me cavalga, meu protetor, meu painho, nós vamos ter um príncipezinho”.

Estava ali de cócoras cuidando dos passarinhos, pensando que mandou fazê-lo mais por honra do que por vontade.

Levantou a cabeça e fitou bem nos olhos do outro, que falou com a voz quase apagada: “meu patrão, o serviço foi feito conforme o mandado, rápido e sem dor”.

Baixou a cabeça e ficou olhando a gaiola. No ninho, estava um ovo amassado com os restos de um bruguelo. Aquilo apertando-lhe o juízo, “rápido e sem dor”. Nenhuma lágrima escorreu da sua face.

No outro dia encontraram-no morto, com um tiro na cabeça. Nenhum bilhete, nenhuma carta. Apenas uma boneca de pano apertada em uma das mãos e todas as gaiolas abertas, e os passarinhos nas gaiolas esperando ele assoprar o alpiste.

29

O RETORNO DE LÁZARO

Abriu os olhos e deu de cara com a minha avó chorando, com o terço na mão, debruçada sobre si, enlutada, no seu vestido preto fechado, puído pelo uso anual no período da quaresma, quando assumia o luto por cristo na quarta-feira de cinzas, para só largar no domingo de páscoa. Perguntou estranhado “Que é que houve?” Ela levou as mãos aos peitos e desmaiou.

Súbito, levantou o tronco e sentou com estranheza no caixão. Foi uma gritaria geral. Saltou fora da urna, caindo firme no chão com seus pés imensos, que nunca souberam o que era um calçado fechado, viveram eternamente desnudos em contato com a lama recheada de ostras e galhadas dos manguezais.

Ele agora estava em pé no centro da sala e a mulher caída no chão. Abaixou-se, envolveu-a com seus braços musculosos e trouxe para o seu corpo a sua companheira de mais de cinquenta anos. Chamou uma das filhas “Pega na cozinha um copo de água com açúcar para sua mãe”.

As velhas carpideiras caíram de joelhos no chão de terra batida. “Milagre! Deus de misericórdia!”

Havia uma meia centena de pessoas entre a sala e o terreiro em frente à casa de taipa, entre filhos ainda vivos, netos, bisnetos e a vizinhança, que assustados gritaram em unísson: “Milagre! Glória a Deus nas alturas!”

Era um homem conhecido pela sua retidão, capacidade de trabalho e amor ao mar. Estava sendo velado desde o dia anterior, com enterro marcado para a manhã que se aproximava.

O filho mais velho aproximou-se receoso, ordenando

do alto da sua autoridade de primogênito “pai, fica ai que o senhor já morreu”.

“Morri o quê? Se respeite homem. Eu sou homem de se enterrar? Um homem do mar não se enterra. Eu estava dormindo. Sonhei que estava num marzão bonito, bem tranquilo, sob a luz de um sol que eu não via. Agora vai todo mundo pra casa, que é hora de trabalhar”, disse isso enxotando com as mãos o povo que foi encontrando em seu caminho.

Meu avô era pescador famoso na região, homem destemido, com histórias de grandes peixes capturados, salvamento de diversos afogados, busca de corpos desaparecidos para além do farol da boca da barra e transporte de fugitivos dos diversos regimes ditatoriais que assistiu durante sua vida, para a outra margem ou para outros portos. Era um homem justo. Dizia ser livre e defensor da liberdade, por isso respeitado por todos, mesmo pelos desafetos.

Enfiou a faca companheira atravessada na cintura, que se apequenava diante de suas manoplas calejadas, acostumadas à lide dos cordames, resistentes aos fios das lâminas e pontas afiadas dos anzóis encordoados às garateias e espinéis.

Puxou do parapeito da janela a moringa cheia de água fresquinha descansada. Aproveitou para tomar um gole de café, que esfriava num bule. Engoliu num gole só e reclamou como sempre “esse café está fraco, aguado. Só quem sabe fazer que preste sou eu”.

Encarando toda família estupefata à sua volta. “Estão vendo alguma alma penada aqui com essas caras de palermas?”

Pegou o chapéu de palha que se encontrava pendurado em um prego, na parede ao lado da porta e enterrou na cabeça. Arrancou fora a camisa branca de algodão que lhe vestiram e pendurou no mesmo prego. Arregaçou as bocas da calça até a altura dos joelhos, saiu porta afora e respirou bem profundamente, como se quisesse sorver o ar marinho da madrugada.

Pegou o remo encostado no oitão da casa, ergueu sem dificuldade, colocando sobre o ombro e saiu no seu conhecido gíngado, descendo em direção à beira do rio.

Desamarrou o cabo da canoa da estaca, arrumou as tralhas, examinou a rede e saiu na zinga, sozinho, ante o olhar assustado da pequena plateia que se formara na encosta do rio. Havia um silêncio do medo e do imprevisível, quebrado apenas pelos saltos de pequenos peixes estalando na superfície da água.

Logo as pessoas e parentes foram se dispersando, cada um interpretando ao seu modo o acontecido que testemunhara.

Passou o dia, anoiteceu e ele não voltou. Apenas sua mulher ficou sentada na encosta esperando sua volta.

A canoa foi encontrada no outro dia, encalhada em uma croa, na foz do rio, intocável, com remo, velame, tralhas e redes repousando em seu casco. Do meu avô ninguém mais teve notícias. Como testemunha só o solitário farol a girar seu facho de luz sobre nossas cabeças diuturnamente.

30

NHÔ VÔ

Nhô vô mandou me chamar, o pivete disse que é era para chegar depressa, pois era assunto de importância, só confiado a mim. Sei que sou seu neto querido, sou pau para toda obra, assistente de primeira hora nos mais diversos setores deste mundo de Deus. Desde criança, seu mais querido mensageiro, o neto de todas as horas.

Chegando lá pedi logo a benção e notei o velho com cara de quem comeu e não gostou, carrancudo, com a testa cheia de dobras de preocupação.

Mandou que esperasse um pouquinho do lado de fora da tenda. Trocou umas palavrinhas com seu guia e finalmente veio para o terreiro trazendo dois tamboretas, indicando para que eu sentasse em um, assumindo a velha posição de tronco dobrado, com as mãos espalmadas sobre as coxas. Foi logo de cara dando as orientações: —Sente ai e presta atenção no que vou te falar, pra fazer direitinho como vou te instruir.

Respondi:

—Sou todo ouvidos, Nhô vô.

Olhou bem sério para mim:

—Meu filhin, preciso que você leve umas mal traçadas linha no gabinete do prefeito, só confio em você, pelo que vai garanchado neste papé. Só entregue a ele, que é assunto sigiloso — e estendeu um envelope lacrado para mim.

No outro dia de manhã, eu já estava sentado no gabinete da autoridade, esperando para ser atendido. Depois de ter me identificado, identificado meu avô e os antepassados todos

da nossa família, a competente mocinha, com cara de superioridade, cheia de curvas, vestido curtinho, mostrando a ponta da calçola, unhas quilométricas e cabelos chapinhados, só fez me apontar um lugar no cantinho da sala e disse:

—Aguarde aí.

Sentei quietinho na espera. Tô nem aí. Missão é para ser cumprida.

Entrou primeiro um, depois entraram dois, e mais dois. Entrou uma ruma de gente. Gente entrava e saía toda hora, e eu, nada. Mas paciência é meu apelido. Passaram-se horas, até que finalmente a simpática mocinha me chamou com acenos do dedinho indicador e falou baixinho:

—Venha, que o doutor vai te receber agora.

A sala era ampla, cheia de fotos, quadros, diplomas, emblemas, brasões e a bandeira do Brasil, do estado e do município. Por trás de uma mesa enorme, vi uma figura de óculos, empertigado, engravatado, com caras de poucos amigos, que perguntou:

—Qual o motivo da sua audiência?

Estendi o envelope e me identifiquei.

—Sou neto do Seu Benedito e ele pediu que eu trouxesse essa carta para o senhor.

Abriu o envelope demonstrando impaciência, leu fazendo uma expressão de nojo e finalmente brandindo a missiva de Nhovô, berrou:

—Vou ser direto, rapazinho. Avise ao senhor Benedito, do qual não tenho lembrança de favores ou amizade, que nada tenho para dar ou nada lhe devo, que se insistir em bilhetinhos e cobranças, mando a Guarda Municipal dar uma botada pesada e fechar seu terreiro. E ponto final. — fez um bolinho da carta de Nhovô e empurrou na palma da minha mão como uma bola de bilhar.

Baixei a cabeça, envergonhado, sem palavras para con-

testar, dei meia volta e tomei o rumo de casa. Cabeça pegando fogo. Nhovô não ia gostar.

Quando cheguei no terreiro, Nhô vô estava na porta, inquieto.

—Que tanta demora foi essa menino? Pensei que não voltava mais.

Ai foi minha vez de soltar o verbo.

—Sente ai meu velho, pra escutar o recado que mandaram — e descarrilhei nas palavras, tintim por tintim, sem faltar uma vírgula do que acontecera.

Meu velho não disse nada. Coçou a barbicha pensativo, ficou com olhar perdido no infinito e emudeceu. Não reparou nem na hora que me levantei de fininho, pedi a benção e fui embora. Deixei ele lá, sozinho.

No outro dia logo cedo me chamou.

—Vem cá meu netinho, sente aqui bem juntinho de mim. Lembra daquele trabalho que a gente fez no ano passado. Trabalho pesado. Tive que arregimentar um monte de santo e oferecer em troca 5 carneiros, 10 galinhas, garrafas de pinga, champagne, comida e tantas outras coisa. Tudo de primeira qualidade para agradar bem aos deuses. Pois foi encomendado pelo infeliz, pra ganhar fácil as eleições, com promessa que pagava tudin assim que fosse eleito. Esperei, meu netin, esperei até ontem e achei que era hora de quitar nossos honorários, pois já tem seis mês que o dito cujo tá assentado na cadeira principal da prefeitura, mas pelo jeito tomei um cano, cai de inocente no conto do vigário, mas ele vai pagar cada centavo que deve aos orixás.

Olhou para o alto e confidenciou:

—Ainda bem que guardei umas roupinha do safado, que pedi para identificar o bandido no meio de tantos pedido que os santo recebem nessas épocas eleitorais — e deu um sorrisinho maroto.

Ordenou:

—A partir de hoje vou entrar em retiro no mundo dos mortos, o terreiro está fechado até que eu saia do transe. Você toma conta das coisas aqui do lado de fora. Ninguém entra pra não perturbar. Vai ser jejum pesado. Tenha fé primeiro nos deuses e depois no seu avô, que as coisas vão mudar e aquele infeliz vem comer direitinho na minha mão, ora se não vem. Pode ter certeza, ou eu não me chamo Manuel Benedito do Espírito Santo, pai Benedito de tantas alma desse mundão.

Passou uma semana e finalmente Nhovô saiu do retiro. Estava magro, com cara de cansado, com um boneco de pano na mão. Levantando, mostrou para mim: —Meu netin, o safado agora vai ver com quantos pau se faz uma canoa e deu uma risada gostosa, de quem sabia do ofício.

Não teve um dia depois daquele da saída do retiro, que Nhô vô estivesse desgrudado do boneco. E enquanto conversava ia enfiando uma agulha bem grossa, uma hora na cabeça, outra na barriga, outra nas pernas. Às vezes dava um peteleco na cara ou apertava ele contra uma parede. Eu sentia pela sua expressão facial, como aquilo lhe dava prazer.

Uns dois meses depois, numa bela manhã parou um carro preto na porta do terreiro, dele desceu uma jovem senhora cheia de curvas, vestida em trajes de rainha, adornada com mil balangandãs dourados. Cabelo esticado e amansado no ferro, pintado de louro, sapato alto de bico fino, vestido curto e arroxado no corpo, querendo subir o tempo todo pela suas polpudas coxas, para mostrar ao mundo suas partes íntimas, que ela num sestro repetidamente puxava para baixo, e quando puxava para baixo seus seios, duas bolas duras e enormes pulavam por cima.

Meus olhos saltaram das órbitas com aquela visão fantástica, apocalíptica e inebriante.

Ainda estava nesse transe, quando dirigindo-se à mim,

aquela imagem do pecado, perguntou:

—É aqui a casa do Sr. Benedito?

Já me aproximei, com gestos firmes de guardião.

—É sim senhora. O que deseja?

Ela com cara tristonha.

—Preciso falar urgente com ele. É assunto de vida ou morte.

Encaminhei a dita para o terreiro, fiz sentar num tamborete e pedi que aguardasse, pois ia ver se o senhor Benedito poderia atendê-la. Numa pernada fui lá dentro, no quartinho de repouso de Nhô vô para lhe avisar que tinha uma visita.

Ele nem me deixou continuar.

—Eu já sabia, meu guia me avisou, chegou primeiro que você seu bobinho – e apertou minha bochecha com seus dedos, numa cara que era só felicidade.

Nhô vô demorou, deu um gelo danado na visita, mas assim que adentrou no terreiro, a mulher se levantou e saiu em busca de suas mãos, como os fiéis fazem com os padres, bispos e com o papa. E diante de Nhô vô se prostrou até o chão.

Entre soluços pediu a Nhô vô:

—Meu marido está muito mal, já foi desenganado pelos médicos mais caros da cidade. O senhor é nossa última esperança. Ele pediu que eu viesse aqui pedir sua ajuda. O quadro dele é de um reumatismo desconhecido, travante e incapacitante, com dores que aparecem de repente, a qualquer hora do dia. O homem não tem mais forças, nem movimentos. Não consegue nem manter as mínimas obrigações maritais – e desabou no choro.

Nhô vô levantou a mulher, puxando-a com os dois braços, encarando bem sério, tocando seu indicador no entrepeito da madame:

—Eu faço, deixo seu marido curado, mas qualquer coisa só farei quando aquele cachorro (com essas palavras) saldar todas as dívidas antigas que tem com meu guia. Ele mexeu com

forças poderosas, minha senhora.

Ela baixou os olhos, fazendo cara de constrangimento e jurou que ela mesmo cuidaria de corrigir esse lapso imediatamente:

— Meu Deus, que falha ter distratado o senhor, um homem de bem, que tanto nos ajudou na vida.

Não tardou dois dias e o dinheiro chegou dentro de uma caixa de sapatos, um monte de maços de notas novinhas e bem arrumadinhas. Uma delícia para os olhos. Nunca vi de perto tanta grana junta.

Foi marcada a cerimônia de descarrego, do desentranço das encruzilhadas, da expulsão das coisas ruins do corpo do prefeito. O terreiro se preparou como em dia de festa grande, só que tudo no mais absoluto sigilo, para não chamar atenção da imprensa.

Nhô vô me encarregou de arranjar uma máquina fotográfica das boas e explicou suas razões.

— Quero tudo documentado meu netin, pra ficar tudo bem amarradinho.

O prefeito chegou montado numa cadeira de rodas, todo torto, barbudo, com olheiras e ar sofrido. Foi vestido em roupa de santo e arrancado da cadeira aos berros por Nhô vô, que aproveitou para dar no safado umas cipoadas nas costas com uma vara de marmelo. Arrancou sangue. Logo o homem estava no meio da roda, em transe, parecendo uma pomba gira, dando gritinhos e rodando, rodando sem parar, ao som dos atabaques percutidos por mim e por meus irmãos.

Sua mulher, égua carnuda, vinha logo atrás, nua em pelo, travestida de índia potira, com um penacho enfiado na cabeleira, acompanhando o ritmo dos atabaques com os braços e o balançar dos coás, acompanhando o ritmo com passos sincopados, que davam um remelexo sensual nas suas ancas e com os braços na lateral do corpo, chacoalhando seus seios-

-bolas com vigor. Acho que a danada já entendia muito bem da função e estava gostando do remelexo. Fiquei com grandes suspeitas. A roda girou até de madrugada.

No final, o casal saiu abraçado e feliz. Ele, saltitante como uma gazela mostrando que as dores e limitações tinham sumido do seu corpo. Tão lindo! Vestido de santo, com aquela saia rodada. Ela, ainda nua, maternal a lhe amparar em seu renascimento, apertando a cara do marido entre seus peitos-bolas, com toda glória, saúde e louvor, finalmente curado do cruel reumatismo deformante e incapacitante, obra do satanás.

Dia amanhecendo, Nhô vô feliz, que não se continha em risos. Tive a ousadia de perguntar pelo bonequinho.

Ele me disse bem baixinho, com cara de menino levado, que guardou num caixãozinho e enterrou bem escondido, num lugar do terreiro que só ele sabe, pois por enquanto estava bom de tanta judiação. Esperava não precisar mais nunca usar dessas forças. Xangô estava vendo e tomando conta de tudo. Falou para mim com pose de velho guerreiro: —Deu trabalho, meu netin, deu muito trabalho, mas a justiça das força da natureza prevaleceu.

31

SUÍTE PARA O SALMO 119

PRIMEIRO MOVIMENTO

Bem-aventurados os retos em seus caminhos, que andam na lei do Senhor. (Salmo 119)

Ser padre foi uma profissão de fé, conseqüente a um despertar para uma nova vida. Quase um milagre. Era formado em Economia, pós-graduado no exterior, o valete da bolsa de valores, jogo e poder, depois de tantas farras, carros importados, motos poderosas, mulheres, drogas, todas as drogas, noitadas, clubes, boates, dinheiro, muito dinheiro, pois todas essas coisas exigem.

Caiu-lhe nas mãos um livro de Santo Agostinho, não sabe até hoje o porquê, mas justamente aquele livro lhe marcou. Poderia ser sido São Francisco de Assis ou São Tomás de Aquino, mas foi Agostinho que lhe marcou a alma.

Na última noite, era carnaval, inundou-lhe uma imensa melancolia e uma vontade imensa de mudar o mundo, achou tudo tão fútil, as fantasias, os foliões. Saiu do baile, o dia já amanhecia, o sol levantando-se no horizonte lá bem longe no mar. Jogou fora o toco de cigarro, que lhe queimava os dedos e foi para casa tomar um banho purificador. Lembrou-se de São João Batista.

Entrou para o seminário. Ninguém acreditou. Quando contou aos pais, a mãe desmaiou, não que não fosse católica e crida em Deus, mas seu filho não.

No dia da sua ordenação estavam todos lá. Uns foram porque lhe gostavam, outros para ver e crer. Pediu para ser

enviado a um lugar bem pobre e distante. Só assim serviria sua missão. Escolheu “Antônio” para nome do seu renascimento.

Comunidade pequena, igreja pequena, paróquia não menos. Manhãs de missas, orações, conselhos e confissões. Conversão de almas, apaziguamento de ânimos, mediação de conflitos dos fazendeiros e agricultores. Mostrar que todos têm direito a um pedacinho de terra para o plantio da sobrevivência. Tardes de sono. Noites de leitura e indulgências.

SEGUNDO MOVIMENTO

Abre tu os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei. Sou peregrino na terra; não escondas de mim os teus mandamentos.

A minha alma está quebrantada de desejar os teus juízos em todo o tempo. (Salmo 119)

O pai era viúvo. Fazendeiro bem aquinhoado, dono de terras à perder de vista, agora abandonadas, carcomidas pelo tempo, descuidadas, pastos entregues às ações da própria natureza, cercas caídas. Como seus ancestrais, não fizera qualquer esforço para possuí-las, pois foram herdadas através das gerações, desde os tempos do Brasil colônia, outorgadas por Dom Pedro, Dom João, Dom Manuel, todos os dons. Restara o gado, a velha casa grande, os pastos empobrecidos e sua memória.

Era viúvo. Jurara que só casaria sua filha com um doutor, de muitas letras e muitas posses, mas com o tempo via cada dia mais difícil entregar a mão da sua princesa para o destino que imaginara, pois ela não passava de uma bugrinha do interior. Suas terras, e poderes, tinham sido aquebrantados pelo tempo, assim como a casa, a mobília e ele próprio.

TERCEIRO MOVIMENTO

Faze-me entender o caminho dos teus preceitos; assim falarei das tuas maravilhas. (Salmo 119)

Chegou à cavalo, todo garboso, de bota e chapéu de caubói. Um príncipe sertanejo, montado em seu alazão marchador, de passada, imponente como o dono.

Galante, lhe estendeu a mão, oferecendo uma rosa vermelha arrancada do jardim da praça da matriz. Tirou fora o chapéu da cabeça, fez uma mesura e saiu à galope, deixando a menina moça em pé, estática, suspirando com a flor na mão, imaginando paraísos na terra, com castelos e palácios de cristal. E assim passaram a se encontrar todos os domingos após a missa. Até o dia em que, logo na frente da igreja, ele pediu-lhe para falar com seu pai. Suas intenções eram sérias e almejava o casamento.

Ela esfriou toda, o coração batendo à mil, mas assentiu com a cabeça, sorriu e saiu andando faceira, forçando um rebolado, enquanto descia os degraus da igreja.

Tomou coragem e se dirigiu para a sede da velha fazenda. Solicitou um particular com o velho coronel, primeiro apresentou-se, “me chamo Ozias de Tal, filho de outras terras, longe daqui” e foi logo direto ao assunto, porque era um jovem de poucas palavras e floreios, pediu permissão para cortejar sua filha “a senhorita Maria das Dores”, pois logo pensava em casar, explicou que tinha um pedacinho de terra não muito distante há uma légua da cidade. Comprara com economias que fizera. Era engenheiro agrônomo e iria aplicar os segredos que aprendera para desenvolver suas terras e alinhavou com ares doutores, que quem sabe um dia seus conhecimentos não seriam de serventia para alavancar as terras sofridas que estavam à sua frente.

Após um silêncio enervante, foi autorizado pelo velho

viúvo, que olhando firme nos olhos do pretendente avisou: “Essa menina é meu diamante, a razão do meu viver, sempre cuide bem dela, senão vai se ver com o pai”. E alisou o coldre do parabélum, que aparecia por baixo do paletó de caqui puído, do lado do quarto direito. Uma quase ameaça.

QUARTO MOVIMENTO

Eu te contei os meus caminhos, e tu me ouviste; ensina-me os teus estatutos. (Salmo 119)

Das Dores era menina moça em flor, virgem e prendada. Não demorou para marcarem o noivado, preparo do enxoval e pouco depois estavam de mãos dadas subindo ao altar. Alianças compradas na capital.

Casamento para gente graúda, três bois, fora as criações, leitões e a infinidade de galinhas gordas e bem temperadas para regalo dos convidados. Forró até o nascer do sol. A velha casa se vestiu com alegria e se ornou para as bodas.

Passaram os anos e ela não segurava as prenhezês, apesar de muitos chás, cópulas e orações. Motivo de tristeza profunda para o pai e de ódio para o marido, que lhe acusava diariamente de ser gata de rua, de péssima qualidade, para ser mãe e fêmea.

Não adiantaram as promessas feitas para todas as virgens marias, pelo jeito não escutadas do outro lado do reino de Deus. Ozias se dizendo infeliz, pois casou com uma égua de sangue ruim passou a beber muito e se ausentar cada vez mais de casa, chegando com manchas de batom na roupa e marcas de chupão no pescoço. As amigadas e a criadagem lhes acalmavam a alma dizendo em unísono que aquilo era coisa de homem, que tivesse paciência, logo, logo ele iria acalmar o fulgor do sangue correndo em suas veias. Até o pai lhe disse para ter calma, era coisa da juventude, “coisa de homem,

todo homem é caçador minha filha, isso passa”. Mas se alguém olhasse bem para o velho, veria que tinha um vinco estranho na sua expressão. Descobrira que o genro não valia um tostão furado. O diploma de engenheiro agrônomo nunca existira. Fora enganado pelo rufião.

E vieram as brigas e as agressões, que foram ficando cada vez mais violentas. Aconteceu que um dia ele bateu-lhe com tanta força e raiva, que a pobre ficou toda roxa. Se escondeu no quarto com medo de ser vista, mas não teve jeito. Olhos, ouvidos e línguas soltas chegaram até o pai para contar a tragédia. Foi num instante que ele estava lá batendo na porta do quarto, “abra a porta minha filha, é seu pai”. Depois de muita insistência, ela abriu. Ele a abraçou, lembrando de quando ela era pequenininha, menina sapeca correndo pela casa. “Que foi que houve minha princesa?” “Nada não pai, deixe pra lá. A culpa foi minha.” O velho retrucou: “mas ele não pode fazer isso em você não.” Ela temente: “pelo amor de Deus, pai, não faça nada, vai ficar tudo bem, ele já se arrependeu, a culpa foi minha. Ele é um homem trabalhador.”

O pai foi embora com a bile a lhe queimar as entranhas. Passou no antro onde sabia que iria encontrar o valentão. Entrou porta da rua adentro e meteu o pé na porta do quarto, arrancou o safado da cama, nu, deitado com uma quenga, deu-lhe uma dúzia de tapas bem dados com suas mãos calosas e advertiu o sujeito, apalermado caído no chão de terra batida do habitáculo, “Se tocar de novo na minha filha eu te mato. E nunca deixei de cumprir uma promessa feita na minha vida”. Bateu a mão no coldre, empurrou o chapéu na cabeça e deu uma cusparada em cima do genro. Virou-se e foi embora. O outro não disse uma palavra.

QUINTO MOVIMENTO

Roguei deveras o teu favor com todo o meu coração; tem piedade de mim, segundo a sua palavra. (Salmo 119)

O que parecia que seria tempestade se amainou em um clima de intolerância silenciosa. Ela passou a se refugiar cada vez mais na igreja, em novenas e orações. Ele continuou refugiando-se nos cabarés.

Chegara padre novo na cidade. Homem bonito a serviço do Senhor Jesus Cristo, homilia clara, jovem e moderna. Missas de casa cheia, todos curiosos para assistir a novidade.

Ela sempre solícita, ajudando na ornamentação da igreja, os detalhes florais de cada santo. O preparo dos andores para as procissões. Gradativamente virara uma assessora para todas as ideias e serviços da paróquia. A todos dizia que tinha encontrado um significado na sua vida.

Só ela sabia que dentro do seu corpo fervia o desejo do contato físico com aquele homem santo. Um homem educado, diferente de todos que conhecera na sua vida. “Vade retro pensamentos pecaminosos. Ai, que desejos que não me deixam. Ai, padre Antônio. Salva-me Jesus!”. Não adiantaram jejuns, nem orações. “Ah! Se pudesse se confessar todos os dias, sua voz doce, clara, de palavras limpas, quando impunha as suas penitências”. Imagina se ele soubesse de certos pensamentos endiabrados que lhes perseguiam. Pecado mortal.

Aconteceu um dia. Estavam só os dois na sacristia, fechando as contas das doações feitas para a festa de Santo Antônio. Das Dores num arroubo de felicidade, pelo sucesso das arrecadações, saltou nos braços do padre e num ato contínuo, roubou-lhe um beijo, forçando-lhe os lábios com sua língua. Ele ficou estático, petrificado. Ela sem querer soltar os braços que envolviam-no.

Ele pálido, assustado, tomou fôlego, “vá embora, pelo

amor de Deus”.

Ela colocou as mãos na face, como se despertasse de um sonho e saiu correndo porta afora, chorando. Houve quem viu.

Ele recolheu-se ao seu quarto na casa paroquial, retirou as vestes e açoitou-se com um pequeno chicote de tiras trançadas de couro cru, que carregava com seus pertences, até gotas de sangue saltarem da sua carne machucada. Tinha que espan-tar o diabo que lhe cercava. Jejum e penitência. Ficaria à pão e água por quarenta dias. “Meu Deus! Por um átimo a desejava”.

SEXTO MOVIMENTO

Os soberbos forjaram mentiras contra mim; mas eu com todo o meu coração guardarei os teus preceitos. (Salmo 119)

A cidade comentava: “Só o marido que não vê. Que pouca vergonha! Logo na casa do Senhor. Ela perdeu os freios. Basta ver os olhares que trocam nas missas e quermesses”.

Chegou em casa jogando o chapéu num canto e gritando: “eu soube que agora a vida da senhora é batendo pé todo dia para o lado da igreja atrás desse padre fedelho com cara de maricas, que fica querendo botar minhoca na cabeça do povo. Sabe do que me chamaram? De corno. Eu, corno”.

Ela retrucou: “deve ter sido aquela quenga fuleira que anda com você, inventando mentira”.

Partiu para cima da mulher lhe apertando o pescoço e rumando uma bofetada pelo meio da cara, que começou a espirrar sangue pelas narinas.

Não satisfeito, agarrou-a, arrancando suas roupas, pegou o chicote que começou a zoar no ar estalando de encontro ao corpo da mulher, que quanto mais apanhava gritava: “bata, bata com força, seu idiota, você só não é corno porque ele não quis, pois eu sou louca por ele. Aquilo é que é um homem de verdade”.

Bateu até ela desmaiar. Arfando de raiva, abriu a porta da rua, e saiu na direção da igreja.

Vizinhos correram para dentro da casa onde encontraram o corpo inerte de Das Dores no chão. Alguém gritou: “corra na fazenda para chamar o coronel”.

SÉTIMO MOVIMENTO

Quantos serão os dias do teu servo? Quando me farás justiça contra os que me perseguem? (Salmo 119)

Padre Antônio estava ajoelhado nos degraus que levam ao altar, de costas para o portal de entrada, não havia mais ninguém naquela hora.

Ozias entrou gritando: “você vai morrer seu padreco de merda, paquerador de mulher dos outros, agitador do povo contra os patrões”.

O padre se virou e falou firme: “respeite a casa do Senhor”, o que fez o outro se deter arfando a poucos metros do altar.

Como se tivesse recuperado as forças para as intenções que lhe trouxeram ali, desembainhou a peixeira e saltou na direção do pároco acertando-lhe um golpe que abriu num corte sua batina expondo um corte imenso que lhe atravessava do ombro ao peito com esguichos de sangue.

Ao cair no piso do altar em frente ao sacrário, sangrando, o padre ainda balbuciou para o marido furioso: “não estrague sua vida, não jogue fora o maior bem que Deus te deu, homem”.

Foi quando chegou o coronel, gritando: “Desgraçado! Maldito dia em que te dei a mão da minha filha”.

Ao ver a cena, não pensou duas vezes, ou simplesmente não pensou, deu seis tiros certos no genro, que explodiu em sangue, salpicando tudo ao redor do altar, transformando o

solo sagrado num quadro dantesco.

O velho senhor largou o revólver ao seu lado e ajoelhou-se frente ao altar, repetindo: “desgraçado, desgraçado, desgraçado...”, cada vez mais baixo.

Deitado no chão frio do altar, esvaindo-se em sangue, olhando fixamente para a lanterna vermelha ao lado do sacrário, padre Antônio ainda teve tempo de clamar: “Senhor Deus Pai Todo Poderoso, só Vós sabeis que sou inocente. Entrego-me de corpo e alma ao Vosso desejo”.

OITAVO MOVIMENTO

Desgarrei-me como a ovelha perdida; busca o teu servo, pois não me esqueci dos teus mandamentos. (Salmo 119)

O padre, depois de diversas cirurgias e longa convalescença hospitalar, recuperou-se. Tomou a decisão de abandonar a batina. Iria virar beato, com voto de pobreza feito ao longo de dias de monocórdicas ladainhas repetidas à exaustão. Passaria o resto de sua vida a purgar sua culpa, por ter permitido que a casa do senhor fosse profanada. Seria essa sua indulgência, seguir pelo mundo afora, orando sem parar o Salmo 119 todas as horas do dia em que estivesse acordado, “desperta, desperta” para purgar o mundo de suas iniquidades.

A escravidão que ele buscava libertar não era a da terra, da reforma agrária, de um pedaço de chão para cada homem, mas a da consciência de cada ser humano em busca de uma crença maior em Deus.

Resolveu sair pelo mundo vestido em trapos, segurando em sua mão direita uma cruz, na outra um cajado, na sacola uma bíblia. E assim foi o andarilho da triste figura, de lugarejo em lugarejo, purgando os pecados do mundo, carregando em suas costas a ignominia e as mazelas do ser humano. Em cada localidade que passava chamava atenção pelas suas vestes,

maltrapilho. Água e alimento não lhe faltavam, pois sempre lhes traziam e depositavam aos seus pés, com circunspeção e respeito. As crianças tinham medo.

À sua passagem nasceram comentários, que viraram histórias, que se repetiram em lendas. Lavava os pés dos mais miseráveis, imitando Jesus que fez essas abluções em seus discípulos na última ceia.

Durante algum tempo ainda chegavam notícias das suas andanças, milagres e orações por arruados perdidos na poeirenta e acre seca. Virou um eremita. Depois, ninguém mais teve notícias dele, que foi visto pela última vez meditando no leito seco de um rio no alto sertão. Virou lenda.

Das Dores está trancafiada em um convento carmelita, cumprindo seu juramento diante do caixão do marido, de viver uma vida enclausurada de oração e silêncio. Às vezes ainda lembra de padre Antônio e suspira.

O pai até hoje está preso, já velhinho, na penitenciária estadual. Lá dentro todos lhe respeitam, sejam detentos ou guardas, pois admiram um homem de palavra.

EU, ESCRITOR VIVENTE

*“Que outros se vangloriem
das páginas que escreveram;
eu me orgulho das que li.”*

Jorge Luis Borges

Passei minha vida trabalhando em postos de saúde, prontos-socorros e consultório, assistindo e ouvindo as mais diversas histórias, algumas tristes, outras hilariantes.

Todo médico tem um incrível material de histórias em suas mãos. Só posso dizer que foi profícuo o meu contato com pacientes durante a minha vida, com milhares consultas realizadas, ouvindo queixas entremeadas por histórias de todos os tipos, através de linguajares os mais diferentes e estranhos. Com o testemunho cotidiano do ser humano frente a dor e às perdas. Acredito que por isso existem na história da literatura diversos médicos escritores.

Até 1994 eu só tinha escrito algumas poesias, coisas bobas, algumas ridículas. Mas naquele ano participei de uma oficina de contos organizada pela professora Maruze Reis, na Cultart/UFS, foi uma experiência estimulante, pois aquilo que estava embolado em minha memória, de repente começou a fluir e se organizar.

É uma pena que não sejam oferecidas ao público, por quem de direito, oficinas como aquela, de forma periódica, assim como os concursos literários, pois são incentivo à criação

e sempre irão revelar bons escritores que estão latentes.

Em 2016 lancei O HERBANÁRIO DE TIA FINHA E OUTRAS CURTAS ESTÓRIAS, um conjunto de 31 histórias curtas, escritas na década de noventa, que estavam enganchadas na gaveta por bastante tempo. Tomei coragem e arranquei as danadas do baú para entregá-las finalmente ao mundo. Boas ou ruins, estão aí. São pequenas histórias, instantâneos do cotidiano, despreziosas, que falam da solidão, de sonhos, de fantasias, das desilusões, em sua maioria recheadas com algumas pitadas de humor.

Em 2017, foi lançado SARA, um romance ambientado a partir da década de cinquenta, atravessando o período da ditadura implantada no Brasil em 1964, até a abertura gradual instalada no início da década de oitenta.

A mensagem principal desse romance é que ditaduras são ruins, destroem vidas e amores, brotando o que há de pior e de melhor nas pessoas, mas a vida cotidiana com todos os seus percalços continua. Nenhuma história triste nos proíbe que intercalemos o humor, porque a vida é dessa forma.

Enquanto que no conto a minha preocupação maior é cortar arestas, arredondar o episódio contado, deixar para o leitor o preenchimento das lacunas, no romance o rumo que a história toma lhe coloca em esquinas que o escritor não imaginava quando começou a escrever. A história, às vezes me obriga a mudar a trajetória que pré-concebi.

Em 2002 fui a um congresso médico em Brasília, sendo surpreendido por um colega que tinha lido um conto meu, finalista em um concurso literário. Ele descreveu o que escrevi, com detalhes, emoção e imenso carinho. Meu conto tinha mexido com ele. Ali ele não era meu colega, mas meu leitor. Foi

uma experiência incrível, um sentimento extraordinário que senti naquele momento inesquecível. Sempre digo, quando vejo em grandes shows, uma multidão cantando uma música junto com o compositor, que emoção que não deve ter o criador ao ouvir sua criação na boca de milhares de fãs.

Outro momento emocionante para mim, foi quando uma leitora de SARA disse para minha mulher que chorou muito no final do livro. O destino dos personagens e o rumo da história contada tinha mexido com ela.

Tenho uma relação amorosa com minha estante e meus queridos livros, sempre estou relendo os que mais amo. Cada amante da leitura forma sua biblioteca gradual e lentamente, como um espelho do que se torna, através do conhecimento bebido e ruminado. Se for sincero, a biblioteca será seu reflexo. Às vezes fico calado, sentado no sofá, apenas correndo com os olhos as lombadas dos livros voltadas para mim. Então lembro de Jorge Luis Borges, “Sempre imaginei o paraíso como uma grande biblioteca”. Para mim, os que tenho, são o jardim que cultivei.

Leio muito mais do que escrevo e hoje em dia, releio muito mais do que leio. É impressionante como muda nossa interpretação e como fazemos novas descobertas quando releemos.

Ler livros nos transforma. Como falo diuturnamente, vivo me transformando. Ler livros são um constante aprendizado, nunca acabamos um livro sem ter aprendido algo. Por mais simples que seja a mensagem, ela nos conduz a descobertas, histórias, mundos, lugares e visões diferentes, e essa memória nos conduz às nossas próprias memórias, muitas vezes através de coisas simples, como as madaleines de Proust, que me levaram ao feijão temperado da minha avó Hosana, ao

bife de panela da minha tia Adalgiza ou à galinha de capoeira temperada e cozida pela minha saudosa mãe.

Busco muito o dicionário da língua portuguesa, pois cada busca enriquece mais o meu vocabulário, para conhecer razoavelmente a língua materna, para saber me expressar bem, transmitir da melhor forma aquilo que me vem à cabeça.

Meu sono é leve e interrompido. No mínimo uma vez por noite acordo para ler, geralmente uma leitura de uma hora. Tenho a sorte de minha companheira nunca ter reclamado da luz do criado mudo acesa. Ao menos hoje já não lemos em voz alta. Ítalo Calvino em seu livro *Mundo Escrito e Mundo Não Escrito*, lembra de um fato que mudou a maneira de ler, “Mudará nosso modo de ler? Talvez, mas não podemos prever como. Podemos dizer que temos um testemunho direto sobre uma importante revolução no modo de ler ocorrido no passado, porque Santo Agostinho nos contou com espanto o momento em que se deu conta dela. Quando foi encontrar Santo Ambrósio, Agostinho percebeu que o bispo de Milão estava lendo, mas de uma maneira que ele nunca tinha visto antes: silenciosamente, apenas com os olhos e a mente, sem emitir um som, nem sequer mover os lábios. Agostinho tinha passado por escolas importantes e por ambientes de eruditos, mas jamais suspeitara que se pudesse ler tal como Ambrósio fazia, sem pronunciar as palavras.”

Observo muito o mundo à minha volta, minha esposa frequentemente me questiona, porque me pega rindo ou falando sozinho. Tudo que escrevo é contaminado pelo mundo que vivo e pelo que vejo. Junto todos os ingredientes em uma grande sopa onde se misturam realidade e fantasia e crio minhas histórias. Dizia Manuel de Barros: “Tenho uma confissão

a fazer: noventa por cento do que escrevo é invenção, só dez por cento é mentira”.

Tento não ter medo de transgredir, apesar das normas sociais nos pressionarem bastante. Escrever não é um ato de vontade, é uma necessidade, não sou definitivamente um escritor profissional, daqueles que se sentam obrigatoriamente tantas horas por dia para criar um texto. Para mim é algo neurótico, que mexe comigo e me domina, exigindo na hora incerta o lápis e o papel para vomitar o caldo de pensamentos através das palavras que fervem, borbulhando em minha mente. Não tenho rotina diária de escrita. Posso passar uma semana sem escrever e num determinado dia escrever a manhã inteira. Mas no final, quando tenho o texto pronto, fica em mim uma sensação inquietantemente prazerosa. Pablo Neruda dizia que, “escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias”.

Além da necessidade orgânica, escrever me dá um imenso prazer, como viveria todas as angustias do processo de criação de uma história se no final não houvesse esse imenso prazer?

Escrever é um ato solitário e há momentos, no meio da criação de um texto em que rezo para não ser interrompido pelos ruídos típicos do cotidiano, a campainha toca, o celular toca, a portaria, a coleta do lixo, o entregador da água mineral. Ainda bem que a minha mulher compreende como ninguém esses momentos e vai resolvendo o que aparece.

Quando escrevo um romance, procuro anotar em uma folha de papel os nomes dos personagens que vão aparecendo e o cuidado com as datas e o período vivido. Serve como guia para que não me perca nas encruzilhadas da trama. Compro bloquinhos em branco para as anotações diárias, ficam espa-

lhados pela casa e um sempre vai à reboque na bolsa da minha mulher. Aprendi que as ideias vem e se você não fizer o registro no momento poderá perder a ideia que brotou. Escrevo sempre primeiramente à mão, ainda não consigo descarregar minhas palavras diretamente no computador.

Ao terminar o último parágrafo de uma história, retorno ao primeiro e começo a primeira releitura buscando corrigir erros de roteiro e, apesar dos meus limites, a primeira correção de erros gramaticais. A mentira tem que ser bem contada, para poder convencer o leitor. A escrita é um jogo de cartas marcadas entre o escritor e o leitor, onde sempre quem vence é o segundo, pois dele é a imagem final.

Lembro do filme de Peter Sellers, *The Party* (na versão brasileira, *Um Convidado Bem Trapalhão*), há uma cena em que o ator, como figurante em um filme passado na antiguidade em uma luta corporal com um guerreiro inimigo deixa mostrar em seu pulso um relógio ultramoderno. O diretor enlouquece. Toda uma cena épica e cara foi para o lixo.

Nessa coletânea *SUÍTE DOS VIVENTES* há um conto, *O PUNHAL*, que ofereço como uma singela homenagem, sem maiores pretensões ao grande escritor que foi Jorge Luis Borges. O tema é o objeto dominando os desejos e ações do ser humano. Os punhais de Borges estavam expostos em uma vitrine e duelaram, o meu foi enterrado.

Em *A MARGEM DO MEU PAI*, a natureza expressada pelo mar que avança, invade o povoado e as vidas. Não é a responsável pela união desfeita entre o pescador e sua mulher, uma vida miserável e distante dos prazeres comunitários, mas auxilia e acelera, como um fermento o desfecho, com o rompimento da família. Lázaro acorda no meio do seu velório em o

RETORNO DE LÁZARO.

A vida do ex-presidiário nunca mais será a mesma, ele sabe o que viveu na cadeia e o que lá deixou, os tempos passados que nunca voltarão. Qual a atitude correta a ser tomada? I LOVE LUCY.

É o marido inválido que fantasia sua vida com sonhos ao ver sua mulher chegar cada dia mais tarde, obrigada a compromissos, que servem como desculpas para a fuga da realidade em O CORREDOR. São as escolhas e as tragédias que se anunciam muito antes dos fatos como em DOROTHY. O triste fim de uma mulher anulada, que optou por uma paixão na adolescência. É o ódio de um homem que se sente traído ao ser trocado pela mulher, pelo seu irmão e a solução que resolve dar para não quebrar o JURAMENTO feito no leito de morte da mãe. O TROCO dado pela dívida passada, mandado por mensageiro da morte. Traição e solidão em AS-SOPRANDO O ALPISTE. OS COMPADRES que se matam pela honra ferida, na paixão por uma mulher que não vale tal sacrifício. Paixão, traição e morte em ORMINDA, uma mulher casada, propriedade do marido. O ciúme descontrolado e fatal no NÚMERO 40.

As ilusões do amor juvenil e ingênuo em A CONTINUIDADE DO CIRCO. A vingança do mais fraco em PÉ DE COELHO. A VISITA INESPERADA que busca pela mulher que deixou para trás e se retira sem saber da verdadeira história enquanto esteve ausente. É A CARTA PARA DONA ADIVANETE que fere a honra da velha senhora, que energicamente corre atrás de justiça e soluções. O inusitado castigo imposto ao pivete em INCIDENTE NA PRAÇA DA MATRIZ. A criança que mata seu peixinho BEM COMPORTADINHO, por des-

conhecer as leis e os limites que a natureza impõe a cada ser. A visão da relação amorosa entre um bandido e sua parceira, pelos olhos de um CACHORRO DE MADAME. O perdão em ATIRE A PRIMEIRA PEDRA. A mulher que não suporta mais apanhar e sofrer em TONHO MATADOR. Hoje foi o dia da caça. É o cotidiano que impõe a volta ao palco da atriz pornô viúva do seu URSINHO DE PELÚCIA. São os desejos reprimidos, no reencontro da COMADRE SEBASTIANA, que se soltam após a solução terrível e repentina encontrada para suas vidas. É O PARCEIRO e o PADRINHO dividindo a mesma mulher. O policial GORDO que dentro de sua ótica pautada no mando e na violência, considera moral e ética a solução encontrada para dar fim ao menor delinquente. A divertida vingança de NHÔ VÔ contra o prefeito que não cumpriu o acordo estabelecido. A perda gradativa do sentido da vida e suas referências em QUERO VOLTAR PARA CASA. As crenças limitando a liberdade de viver, por suas interpretações da CARTA XIII. A fuga de um empresário bem sucedido do sistema que o envolve e aprisiona, chutando o pau da barraca e indo viver FORA DA ZONA DE CONFORTO. O juramento, a violência, a paixão e a indulgência em SUÍTE PARA O SALMO 119.

Se nessas histórias tem muita morte, é porque nascemos para morrer; se tem doença, é porque as doenças nos rondam o tempo todo, enchendo consultórios e hospitais; se tem miséria, é porque essa está longe de ser eliminada no mundo; se tem maldade, é porque o ser humano definitivamente não presta em sua essência.

Sempre escrevo nos meus livros as minhas inquietações pessoais exteriorizadas em lembranças, sonhos, angústia, pesadelos e experiências vividas, outras ouvidas, muitas muito

boas e hilárias, que vão aflorando na minha memória. Aí misturo tudo e invento histórias. Dizia Ariano Suassuna que “o escritor é um mentiroso, é uma pessoa que não se satisfaz com o universo comum, aí inventa outro”.

Criando uma história o escritor vive momentos neuróticos, que mexe com sua rotina, coisas como ficar olhando um ponto no infinito, falar sozinho, acordar no meio da noite atrás de lápis e papel para não perder a janela que se abriu no seu pensamento na evolução da história que está criando.

Cada história que conto tem seu jeito particular de ser contada, obriga-me a me transportar para o cenário que estou criando e me sentir um fantasma entre os meus personagens ficcionais. O autor está impregnando cada personagem que inventa, mas não é particularmente nenhum deles. Nós escritores nos apropriamos da realidade, transformando-a ao nosso querer, no mundo à parte que sonhamos. Quando começo a escrever um romance não sei que caminhos o mesmo tomará, e muito menos sei como será o final que escolherei para o mesmo.

Eu sou um palavreiro, e como tal vivo atrás das palavras, caçando-as, estudando-as e guardando as mais raras e estranhas para pesquisar seu sentido e esfolar suas entranhas, tomando sempre cuidado para não se apegar excessivamente à linguagem erudita, como na sua contrapartida, a linguagem coloquial, para não virar um chato.

Tentei sempre na minha vida ser fiel a mim próprio. Acho como Shopenhauer que “quando reconhecemos nossas qualidades e nossos defeitos e fraquezas, conseguimos fixar nossos objetivos e nos resignamos com o inatingível. Escapamos dessa maneira à mais terrível de todas as dores, a insatisfação com nós mesmos”.

Tenho amigos que conheço há mais de quarenta anos. Nos suportamos bem por todo esse tempo. Aos amigos antigos não temos como esconder nossos defeitos e fraquezas, fazem parte da vida. Vinicius de Moraes vaticinava que “de um amigo ninguém se livra fácil. A amizade além de contagiosa é totalmente incurável”. Desse grupo faz parte o prefaciador deste livro.

Existem amigos tão próximos a nós, de um tipo de intimidade irmã, que só se adquire nas salas de aula, nas farras noite a dentro, nas viagens ou na clausura. Nesses confio. Eles têm a paciência de me suportar.

Sempre distribuo meus manuscritos entre meia dúzia de amigos que gostam de ler e que têm a sinceridade de fazer uma primeira crítica e algumas correções.

Como Horowitz, digo que sempre tive um demônio e um anjo dentro de mim, e, com a idade, o demônio foi perdendo. Dizia Borges que “com o tempo você aprende que somente quem é capaz de te amar com teus defeitos, sem querer te mudar, pode te oferecer toda a felicidade”.

O meu jacobinismo se esmaeceu, quando depois de atravessar as trilhas que a vida me impôs, assisti a tantos erros e destemperos daqueles que se diziam “puros” e “do bem”. Para Nietzsche, “o homem é corda distendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre um abismo; travessia perigosa, temerário caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar”.

Descobri também com a idade, que o perdão é libertador, não há nada mais belo que o perdão. Acho marcante o texto de Borges sobre um reencontro de Caim e Abel, depois da morte do segundo: “Caim percebeu na testa de Abel a marca da pedra e deixou cair o pão que estava prestes a levar à boca e

pediu que lhe fosse perdoado seu crime. – Tu me mataste ou eu te matei? – Abel respondeu. – Já não me lembro; aqui estamos juntos como antes. – Agora sei que me perdoaste de verdade – disse Caim –, porque esquecer é perdoar. Procurarei também esquecer. – É assim mesmo – Abel falou devagar. – Enquanto dura o remorso, dura a culpa”.

Demorei muito tempo para publicar meu primeiro livrinho, e no fundo foi pelo medo da crítica, por medo de que meu ego fosse ferido, querendo me pautar pelos maiores. Erro ridículo. Apenas tenho que escrever e publicar, o resto, deixemos que aconteça.

O escritor escreve para publicar e ser lido, quem falar o contrário está mentindo, querendo fazer marketing. Desconfie dos simplórios, são as pessoas internamente mais vaidosos que existem. Fazem seus não atos para chamar a atenção pelo inverso. Tudo que fazemos na vida, acabamos fazendo para deixar alguém orgulhoso, sejam nossos pais, nossos amigos, pares, filhos e até nós mesmos.

Gosto muito de uma poesia de Affonso Romano Sant’Anna, do seu livro mais recente *A Vida é Um Escândalo*: “O que te leva a pensar/Que teu livro é necessário/Às bibliotecas do mundo?/Sossega teu ego/O mundo não necessita de ti”.

Os caminhos da leitura são inúmeros e diversos, como em uma rede, ninguém nunca leu ou lerá todos os livros, assim como ninguém lerá os mesmos livros que outrem. E livros há de sobra.

São lançados aproximadamente 50 mil livros por ano no mundo. Tem pra todo gosto. É humanamente impossível ler uma quantidade ínfima desse total. Minha tristeza é que deixei

e deixarei de ler até morrer pedras preciosas que são lançadas diariamente.

A UNESCO recomenda uma livraria para cada 10 mil habitantes. Fico imaginando, em Sergipe teríamos que ter pelo menos 200 livrarias. Piada? Não. Tragédia. No Brasil a maior parte da população nunca leu um livro. Triste realidade, porque temos consciência que um povo que não lê é facilmente manipulável.

Às vezes tenho a sensação que o fato de alguém gostar de ler ou sair por aí com um livro debaixo do braço, vai ser apontado como algo exótico, diante da febre de acesso às mais diversas mídias através do aparelho celular. Ler exige atenção e reflexão. Diz Vargas Llosa: “(...) estou convencido de que uma sociedade sem literatura, ou na qual a literatura foi relegada, como certos vícios inconfessáveis, às margens da vida social e convertida pouco menos que num culto sectário, está condenada a se barbarizar espiritualmente e a comprometer sua liberdade.”

Hoje a mensagem que posso deixar para meus netos, Lara e João, a quem dedico este livro, é que só acreditem nas pessoas que não se levam muito à sério. Fugam dos “doutores” de terno preto e dos “doutores” de capa branca. Manuel de Barros, nosso poeta dos bichos, das matas, das pedras e das coisas, suspirava “tenho preguiça de ser sério”. Enquanto houver um louco, um poeta e um amante, haverá sonho, amor e fantasia. E enquanto houver sonho, amor e fantasia, haverá esperança.

Como Brecht que se forçava às contradições, eu não me importo com as minhas. Elas são necessárias para meu percurso como ser vivente. Gilberto Freire já velhinho confessou em uma entrevista para uma rede de televisão que não se envergo-

nhava de suas contradições.

Pensamos e sonhamos. E porque pensamos e sonhamos, queremos ser diferentes do que somos. Até a morte espero continuar lendo e aprendendo com os livros, ou simplesmente me distraíndo com suas histórias, pois sou um ser vivente. Exceto se o Dr. Alzheimer me visitar e resolver montar acampamento em minha morada.

ZEZA VASCONCELOS

Aracaju, julho de 2018.

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Zeza Vasconcelos ou José Vasconcelos dos Anjos é sergipano, nascido em Aracaju, em 1956. Médico, formado pela Universidade Federal de Sergipe em 1980.

Começou a escrever textos literários na década de 1990. Lançou em 2016, pela Editora Criação, o livro de contos O Herbanário de Tia Finha e Outras Curtas Estórias e em 2017, pela EDISE, o romance Sara.

Contato com o autor:

E-mail: zezaud@bol.com.br

Facebook: José Vasconcelos Dos Anjos

Tiragem	200 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro, 12 Times New Roman, 12
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)

